

SOMNIUM 85

Publicação Oficial do
**Clube de Leitores
de Ficção Científica**



Jaguar 2001
& Emerson

ARTE

Sumário & Expediente **SOMNIUM**

Número 85 - Abril - Maio - Junho - 2002

Editorial	Matias Perazoli
Raio X do CLFC.....	3
Ciência	Gerson Lodi-Ribeiro
Refúgios Numa Via Láctea Hostil à Vida?.....	4
Livros	Ivo Heinz
Rainha dos Anjos.....	7
Inteligência Artificial.....	8
Publicações Recebidas	
(por Gerson Lodi-Ribeiro).....	8
Humor	Eron
Máquina Datilográfica.....	9
Novidades & Projetos	
Voyage - um Projeto Multimídia FC Brasileira	
(por Gerson Lodi-Ribeiro).....	10
HOmem 21 - Enigmas da Atualidade	
(por Willian Princen).....	12
Que Diabos é a HOmem 21?	
(por Emerson Magalhães).....	13
Contos e Quadrinhos	
HOmem 21	
(Emerson & Jaguar).....	15
A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo	
(Ivan Carlos Regina).....	15
Bruno	
(Ana Vasco).....	17
Nosso Destino	
(Hidemberg Alves da Frota).....	21
Tempos Difíceis	
(M. Emerson).....	25
Cartas	31
Errata	31
Próximo Número	32

◀ **NESTA EDIÇÃO**



Editorias

Editor Geral:
Matias Perazoli
(mperazoli@uol.com.br)

Sub-Editor de Ciência:
Gerson Lodi-Ribeiro
(glodir@unisis.com.br)

Sub-Editor de Cinema e TV:
Marcello Simão Branco
(msbranco@uol.com.br)

Sub-Editor de Ficção:
Lucio Manfredi
(luciojpm@uol.com.br)

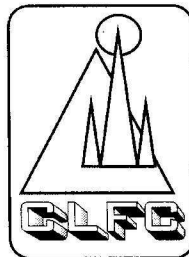
Correspondente em Portugal:
Jorge Candeias
(Jorgecandeias@netc.pt)

Sub-Editor de Resenhas:
Ivo Heinz
(ivo.heinz@uol.com.br)

Sub-Editor de Arte:
Emerson Magalhães
(clfc475@yahoo.com.br)

Somnium é a publicação trimestral oficial do **Clube de Ficção Científica - CLFC**. Todos aqueles que acham que podem contribuir com algum material para o *Somnium* ou com sugestões/críticas sobre o mesmo, tomem a liberdade de contatar por e-mail o editor geral ou o sub-editor responsável. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. A sub-editoria de ficção do *Somnium* está aberta à recepção de contos de autores novos e veteranos, amadores e profissionais, humanos e alienígenas, que serão apreciados com vistas à publicação. O fato de publicar contos e noveletas no *Somnium* não é obstáculo algum para que estes mesmos contos e noveletas apareçam meses mais tarde em publicações profissionais ou livros. Solicitamos também aos leitores do *Somnium* que comentem os contos publicados na edição anterior do fanzine.

Correspondência:
CLFC - Clube de Leitores
de Ficção Científica
Caixa Postal 2105
CEP 01060-970 São Paulo-SP
Internet:
<http://members.tripod.com/~CLFC>
E-mail:
somniaum@uol.com.br



Distribuição: Humberto Fimiani
Tiragem: 100 Exemplares

O **Clube de Leitores de Ficção Científica** foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob o número 79.416/86. Sua diretoria atual para o biênio 2002/2003 é composta pelos sócios Gerson Lodi-Ribeiro (Presidente), Humberto Fimiani (Secretário Executivo) e Matias Perazoli Jr. (Tesoureiro).

SOMNIUM
powered by



Raio X do CLFC

O CLFC está mal. Podemos dizer que está agonizante e passando mal, mas de forma alguma ele sofre de uma doença terminal ou já morreu. É preciso fazer uma cirurgia no clube e cuidar do seu futuro. Abaixo, temos uma análise das necessidades do clube.

Falta Direção. Temos que parar para pensar e discutir o que nós queremos para o clube para o próximo ano, a próxima década e traçar um plano para atingirmos estes objetivos, o clube precisa urgentemente de um planejamento estratégico com metas e prazos a serem atingidos.

Falta Comprometimento. Nunca vamos conseguir agradar a todos os sócios ou realizar tudo o que desejamos, mas precisamos aparecer e realizar aquilo que nossos sócios desejam, contudo, se tivermos somente as mesmas pessoas que hoje colaboram com o clube não poderemos fazer muito mais, falta cérebro, falta tempo e faltam braços. É preciso que mais sócios contribuam com o clube.

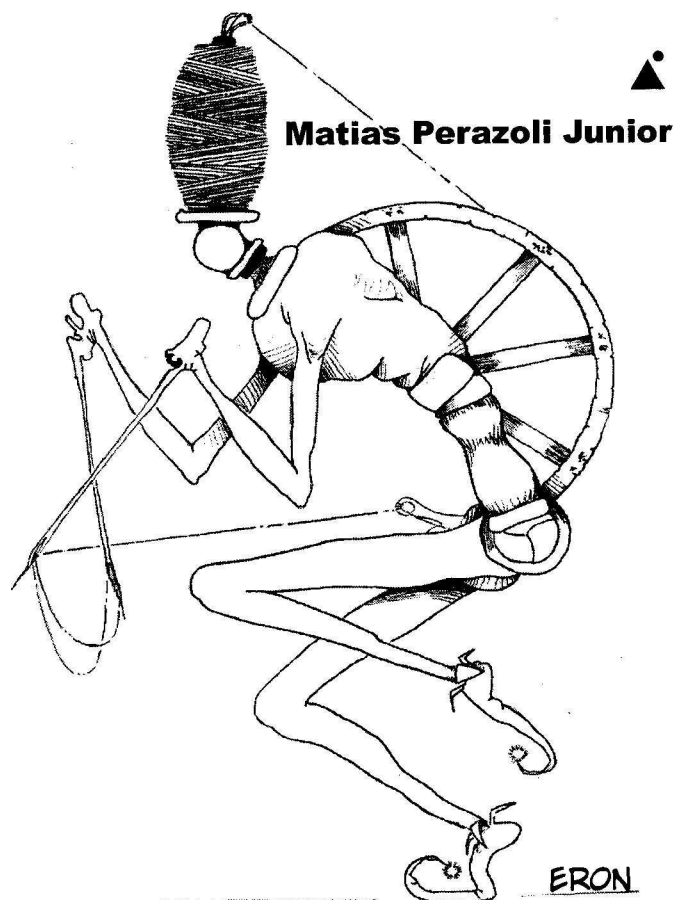
Falta Divulgação. O clube está sumido, não aparece na mídia, não faz nenhuma ação para divulgar a si mesmo ou para atrair novos sócios. A própria parceria com a SCI-FI não rendeu nada para o CLFC - dos três últimos sócios que entraram para o Clube, dois conheceram através da Quark e um através do Gumercindo. A SCI-FI pode ter divulgado o CLFC cedendo o espaço na revista, mas em nenhum lugar ela chama a atenção para o clube e divulga o endereço para correspondência.

Falta dinheiro. Somos mais de 470 sócios, não temos 30 sócios pagando o clube. Apesar do CLFC não ter um custo

elevado poucos sócios pagam, isto deixa as finanças precárias. O dinheiro de mensalidades arrecadadas anualmente é o suficiente para pagar o **Somnium** e o **Informativo Mensal**, não sobra quase nada. Por sorte o CLFC tem tido alguns sócios que tem contribuído com mais que a mensalidade e há alguns anos atrás fez um trabalho de sanear as contas.

Este é uma visão simplificada da situação atual do CLFC, há muito o que ser feito e muito sócio com capacidade de contribuir e colaborar com o clube, logo, parafraseando uma frase conhecida:

Não pergunte o que o CLFC pode fazer por você e sim o que você pode fazer por ele.



Matias Perazoli Junior

Refúgios Numa Via Láctea Hostil à Vida ?

O conceito de zona circunestelar habitável ou ecosfera circunestelar é velho conhecido não só dos astrofísicos e planetologistas, mas também dos fãs de ficção científica hard: é a concha esférica de espessura variável (em geral da ordem de algumas dezenas de milhões de quilômetros), existente em torno de uma estrela, onde um planeta com atmosfera moderadamente densa (assumindo-se a atmosfera terrestre como padrão arbitrário), poderá manter água em estado líquido numa parcela considerável de sua superfície.

Estrelas mais massivas do que o Sol - gigantes brancas e azuis das classes O, B e A - possuem ecosferas muito espessas. Contudo, tais estrelas possuem ciclos de vida estável da ordem de umas poucas dezenas de milhões de anos, intervalo de tempo considerado muito curto para que a vida evolua até as formas superiores existentes na Terra. Por outro lado, estrelas muito menos massivas do que o Sol - tipicamente anãs vermelhas da classe M, as estrelas mais comuns do universo - possuem ciclos de vida imensos, da ordem de trilhões de anos, mas suas ecosferas são tão delgadas e tão próximas do primário que é muito difícil imaginá-las capazes de abrigar uma órbita planetária estável.

Portanto, estamos em busca de ecosferas viáveis em torno de primários algo semelhantes ao Sol. Estrelas medianas, nem muito massivas e brilhantes, e nem muito diminutas e pálidas. Um planeta situado dentro da ecosfera de um primário desse tipo poderá propiciar o aparecimento de formas biológicas.

Admitem-se essencialmente duas hipóteses da vida surgir em regiões externas à ecosfera circunestelar: formas bióticas originárias em oceanos internos, encerrados dentro de crostas geladas, e formas oriundas da evolução biológica em ambientes exóticos.

No entanto, vida "como nós a conhecemos" é um atributo da evolução biológica em superfícies planetárias, dotadas de atmosferas livres, e imersas em ecosferas circunestelares de primários razoavelmente semelhantes ao Sol - estrelas das classes espectrais F, G e K. O Sol é uma estrela G2.

Revisado esse conceito básico de ecosfera circunestelar, surge um outro, análogo mas de âmbito muito mais amplo: a *ecosfera galáctica*.

Lembramos que, embora tenha surgido há pelo menos 3,9 bilhões de anos, a vida na Terra permaneceu no estágio unicelular até cerca de 600 milhões de anos atrás. A história da evolução biológica terrestre parece indicar, portanto, que a transição do estágio unicelular para o multicelular constitui um processo muito mais demorado, complexo e fortuito do que a própria origem da vida. É bem possível que planetas dotados de vida microbiana sejam lugares-comuns pela Via Láctea afora; ao passo que os mundos dotados de vida multicelular seriam relativamente raros.

Hipótese abordada em meu artigo "Oceanos Internos e Vida Extraterrestre" e na novela *Quando os Humanos Foram Embora*.

Como é o caso da vida baseada em silício, ou outros elementos que não o carbono; criaturas gasosas interestelares, do tipo descrito por Fred Hoyle em *A Nuvem Negra*; seres minúsculos evoluídos nas superfícies de estrelas-de-nêutrons, como os "cheela" do romance *Dragon's Egg* de Robert L. Forward; e outros que tais.

Além dos fatores limitantes de ordem planetária e estelar, relacionados acima, para sustentar vida multicelular complexa, um planeta e seu primário deveriam se situar dentro de um determinado intervalo de distâncias em relação ao núcleo galáctico. Isto se dá porque, se o sistema estelar em questão distar longe demais do centro da galáxia, a nebulosa que formou esse sistema não possuirá os elementos pesados necessários para formar mundos pequenos e rochosos, como a Terra. Se o sistema estiver muito próximo do núcleo galáctico, as explosões de supernovas, instabilidades orbitais e chuvas cometárias ocorrerão em sua vizinhança imediata com frequência muito maior do que na região que abriga o Sistema Solar, a ponto de ceifar qualquer ecossistema complexo em seu nascedouro. O Sol parece situar-se numa posição privilegiada dentro desta ecosfera galáctica. Este novo conceito sugere que a vida complexa pode ser um fenômeno de ocorrência mais rara na Via Láctea do que havíamos suposto até então.

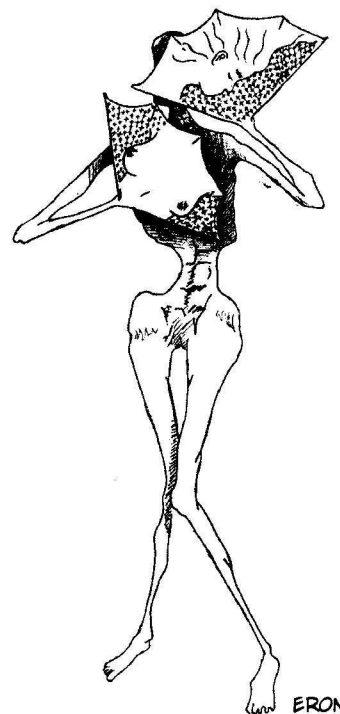
Os elementos pesados ou **metais** constituem matéria-prima essencial na formação de planetas rochosos. A abundância de metais num determinado sistema estelar, denominada *índice de metalicidade*, definirá o tamanho e a quantidade de planetas que irão se formar em torno do primário. O tamanho de um planeta, por sua vez, determinará sua atividade geológica e a quantidade de atmosfera que conseguirá reter. Além disso, sem metais nem mesmo os gigantes gasosos, constituídos principalmente de hidrogênio e hélio, irão se formar, pois tais planetas se condensam sempre em redor de um núcleo rochoso. As descobertas de planetas extra-solares estão começando a definir o índice de metalicidade mínimo necessário para a formação de planetas gigantes (os únicos que conseguimos detectar do Sistema Solar com as técnicas observacionais vigentes). Até hoje não se detectaram planetas orbitantes em torno de estrelas com metalicidades inferiores a 40% do índice solar.

Constata-se, portanto, que as fronteiras da ecosfera galáctica são definidas por dois fatores: por um lado a disponibilidade de matérias-primas para produzir planetas adequados e, por outro, a permanência prolongada numa região relativamente abrigada dos cataclismos galácticos.

Os astrofísicos especializados em estruturas galácticas costumam dividir a Via Láctea em quatro regiões distintas: núcleo; disco fino (região do disco próxima ao plano orbital galáctico); disco estendido (regiões do disco medianamente afastadas do equador galáctico) e halo (região de baixa densidade estelar que circunda a galáxia propriamente dita e onde se situam a maioria dos aglomerados globulares).

O halo e o disco estendido tendem a concentrar populações de estrelas antigas, com baixos índices de metalicidade. É de todo improvável que planetas semelhantes à Terra se formem em tais regiões. As estrelas do núcleo galáctico, por outro lado, possuem metalicidades elevadas, mas a radiação cósmica intensa e as chuvas cometárias freqüentes dificultam a evolução de formas biológicas complexas nessa região. O Sol situa-se no disco fino, região onde a metalicidade varia de forma inversamente proporcional à distância do núcleo galáctico. O Sol dista 28.000 anos-luz do núcleo. Baseados nos índices de metalicidade e de emissão de radiações cósmicas, podemos estimar a espessura da ecosfera galáctica da Via Láctea, grosso modo, entre 15.000 e 37.000 anos-luz de distância do núcleo galáctico; uma região populada por **apenas** 20% das estrelas da Via Láctea.

Para desespero dos químicos inorgânicos, os astrofísicos e cosmólogos chamam de "metais" todos os elementos com números atômicos superiores a três, isto é, todos os elementos da tabela periódica, exceto o hidrogênio, o hélio e o lítio. Esses três elementos "leves" formaram-se nos primeiros minutos que se seguiram ao Big Bang. Já os *metais* são produzidos por nucleossíntese no interior das estrelas e delas expelidos durante as explosões de supernovas. Daí, chamarmos as supernovas de "sementeiras cósmicas". Não haveria planetas rochosos, e muito menos vida como a concebemos, sem essas explosões catastróficas, capazes de disseminar metais pelas galáxias afora.



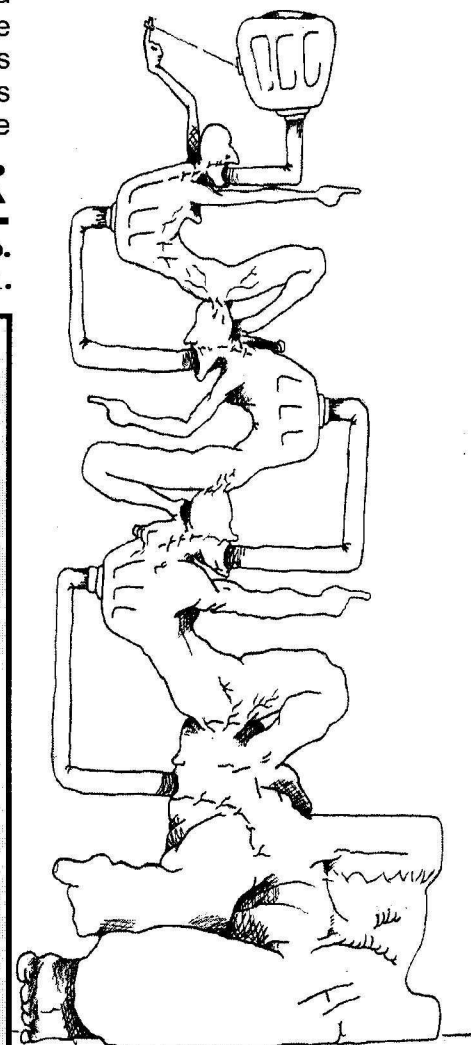
O termo "apenas" é bastante relativo aqui. A Via Láctea possui aproximadamente 300 bilhões de estrelas. Ora, 20% dessa cifra, ou seja, 60 bilhões de estrelas, ainda constitui uma quantidade para lá de respeitável...

O conceito de ecosfera galáctica possui implicações importantes no que diz respeito ao rastreamento em busca de civilizações extraterrestres. Sua aplicação permite indicar quais as regiões da Via Láctea onde é mais provável que a vida complexa floresça. Já podemos afirmar com boa dose de confiança que os aglomerados globulares, o disco externo e o centro da galáxia constituem sítios pouco promissoras. Os radioastrônomos já estão direcionando seus equipamentos para as regiões do disco fino situadas no interior da ecosfera galáctica.

Além disso, o conceito de ecosfera galáctica restringe a região habitável da Via Láctea não apenas no espaço, mas também no tempo. No início de sua história, nossa galáxia costumava ser varrida pela radiação das explosões de centenas de supernovas e seu núcleo era extremamente ativo. Somente nos últimos cinco bilhões de anos, essa atividade energética amainou a ponto de permitir o desenvolvimento de formas biológicas complexas.

É bastante provável que a metalicidade relativamente elevada do Sol tenha concedido à Terra uma vantagem inicial. Talvez a Terra seja um dos primeiros planetas da Via Láctea onde a vida multicelular complexa se desenvolveu. Mas o que isto quer dizer exatamente? Um dos mil primeiros? Um dos três milhões de primeiros? Não importa...

O importante é a conclusão de que o conceito de ecosfera galáctica fornece uma solução parcial para o Paradoxo de Fermi: a vida complexa seria tão rara, que a humanidade talvez esteja praticamente sozinha em sua vizinhança estelar. É claro que essas implicações dizem respeito apenas à vida complexa. Afinal, organismos unicelulares como bactérias e protozoários poderiam se originar e prosperar em ambientes muito mais hostis.



Gerson Lodi-Ribeiro.
Dezembro 2001.

Bibliografia:

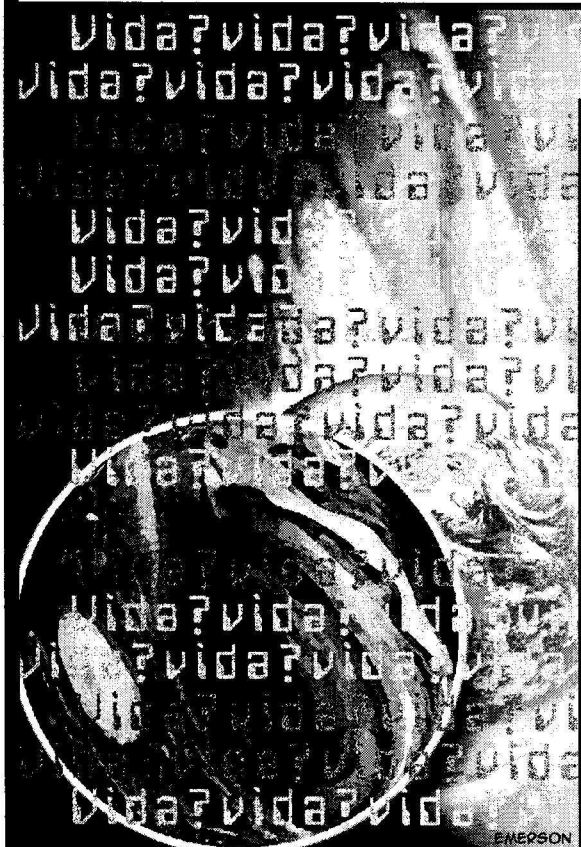
* Darling, David: *The Extraterrestrial Encyclopedia*. Three Rivers Press (2000)

* Gonzalez, Guillermo, Donald Brownlee & Peter D. Ward: "Refuges for Life in a Hostile Universe", *Scientific American*, Vol. 285, No. 4, October 2001.

* Lodi-Ribeiro, Gerson: "Oceanos Internos e Vida Extraterrestre", *Somnium*, Nº 67 (Março 1998).

* Lodi-Ribeiro, Gerson: *Quando os Humanos Foram Embora*. Coleção Fantástica Nº 1, Hiperespaço / Megalon (1999).

* Ward, Peter D. & Donald Brownlee: *Rare Earth: Why Complex Life Is Uncommon in the Universe*. Copernicus, 2000.





Rainha dos Anjos

(*Queen of Angels*)

Greg Bear

Coleção Portal Ficção Científica

Edições Devir Portugal

Tradução: Luís Filipe Silva

400 páginas

Comecei a ler com grande expectativa, pois ganhador de Hugo e Nébula normalmente é indicativo de coisa boa, no mínimo porque o mercado norte-americano é extremamente competitivo.

Um conhecido poeta e pensador mata diversas pessoas de uma só vez, em meados do século XXI e numa sociedade Californiana onde as pessoas são "terapeutizadas" para suprimirem seus impulsos agressivos.

Temos a policial que investiga o caso, um conhecido psicólogo que inventou a tal terapia e um de seus discípulos; todos estarecidos pelo fato e cujas tramas correm paralelas; temos ainda uma sonda espacial inteligente que chega ao sistema Alfa Centauro e localiza um planeta com vida e habitável, e a agitação que isto causa nos meios de comunicação e sociedade em geral.

A caracterização de futuros próximos a nossa época eu mesmo sempre achei meio complicado, pois é algo que facilmente pode ser descaracterizada por uma inovação tecnológica radical e não-prevista ou por uma promessa tecnológica que não se cumpriu, alguém aqui usa o WAP em seu celular ????

O autor centra-se bastante na esperança da nanotecnologia, alimentos artificiais porém quase indistinguíveis dos verdadeiros, feitos por micro-robôs; rede onipresente, reforma física dos corpos em grande escala e, principalmente, o mote de sua obra: uma tecnologia que permite re-constituir nossas ligações sinápticas de forma que não sejamos capazes de executar ações violentas, bem como controlarmos nosso nervosismo e agressividade para uma maior

produtividade pessoal. Sem dúvida que isto divide a sociedade em duas: os terapeutizados que conseguem os melhores empregos e são "estáveis" perante a sociedade e os "não-terapeutizados" que acabam povoando o *underground* e sentem-se os únicos seres humanos "livres".

Pra ser sincero, nas primeiras 150 páginas quase larguei o livro, o autor é extremamente detalhista ao descrever ambientes / pessoas / estilos e acaba ficando enfadonho ler; sem contar que me dava a impressão de que a história não andava.... um excesso de pontas soltas e uma caracterização excessiva dos personagens (tudo de uma vez) tornou a leitura difícil, e olhe que eu estava viajando e não tinha muito o que fazer no avião.

O próprio tradutor adverte sobre o estilo na página de créditos iniciais, mas não acho que o problema é da tradução; reconheço não ter checado a obra em Inglês, mas o excesso de descrições no início não pode ser coisa do Tradutor. Acredito que a preocupação do Tradutor seriam algumas palavras grafadas juntas, talvez um exercício linguístico de futurologia, pode ser... mas isto não dificulta a leitura. Talvez se eu não tivesse atentado para a nota poderia ter praguejado coisas do tipo "mas que droga, não teve revisão ??"

Se você tiver paciência e perseverança, da metade do livro em diante as pontas soltas começam a estruturar-se na grande dúvida que o autor transmite no livro: O que leva as pessoas a terem atitudes violentas radicais??? O que leva uma pessoa inteligente e culta a cometer atos horrendos ?? Loucura?? Traumas?? Possessões ?

Em resumo: não é um livro para quem não tem o costume de ler FC, aliás se o leitor for um fã de Asimov e outros de estilo mais "linear", acredito que vai se decepcionar; mas se for um fã de Philip K. Dick, John Varley e a turma Cyberpunk, pode realmente gostar.

Minha opinião pessoal: sacadas tecnológicas meio óbvias, trama difícil de acompanhar em alguns momentos e o tema espinhoso da mente humana, obra regular !!! E olhe que foi premiado, quem será que concorreu naquele ano ???

Inteligência Artificial (*Supertoys Last All*

Summer Long and Other Stories of Future Time)

Brian Aldiss

Coleção Argonauta, (número 524)

Editora Livros do Brasil, Lisboa, Portugal

Tradução: Alexandra Santos Tavares - 290 páginas

Este livro é uma coletânea, logicamente que o conto que deu origem ao filme ocupa posição de destaque.

Se você iniciar a leitura do conto pensando que é quase uma novelização do filme, então sugiro nem ler !!!! Os pontos-de-vista são bem diferentes, inclusive centrado mais no Pai e na relação dele com o robô. O sentimentalismo também passou longe, a história chega perto de ser cerebral demais, se comparada ao chororô que foi o filme.

Eu entendi assim: o roteirista leu os contos e pegou alguns pontos para escrever sua história, a "inspiração" foi somente em conceitos como o menino-robô. Os outros contos são na maioria muito fracos; percebi uma fixação do Aldiss em relacionamentos fracassados / perdidos que chegou a me irritar: o sujeito conhecia a mulher, amavam-se mas separavam-se por razões diversas, depois do terceiro conto já dá pra pensar "pô, o cara devia ter escrito estes contos num momento de fossa !!!!"

Ainda por cima o Aldiss é uma besta em Geografia, na página 146 comenta sobre a Amazônia, um sujeito se prede na Amazônia, e foi dar na orla de uma floresta tropical que terminava no Pacífico Sul !!!!! (Arghhh !!!!)

Os contos ultra-curtos também não convencem, gostaria de checar a versão original pra saber se foi o tradutor que matou o texto.

Não acho que valeu a pena o dinheiro gasto e nem o tempo dispendido, embora os livros da Argonauta sejam baratos e eu compre de qualquer maneira (coleccionador é fogo), sugiro apenas a leitura dos contos que inspiraram o filme, e olhe lá.


Ivo Heinz

Publicações Recebidas

[Janeiro/Abril 2002]

Hiperespaço [Editor: Cesar Silva] Nº 49. Outubro 2001. Caixa Postal 375, Santo André - SP. 09015-970. cerito@osite.com.br Nova fase, mais robusto e menos freqüente. Contos de Roberval Barcellos e Georgiana Calimeris. HQ de José Marcelo Rodrigues. Artigo: "O Cinema Fantástico em 2000/2001" por Renato Rosatti.

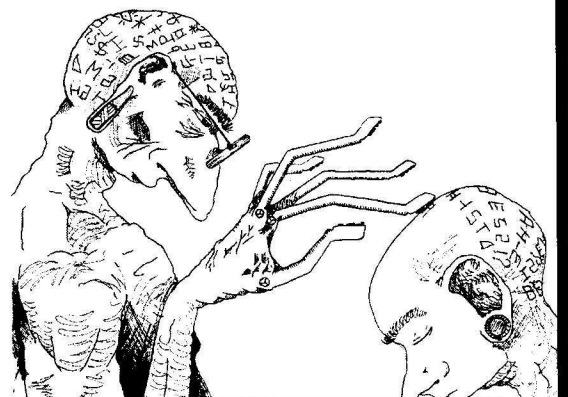
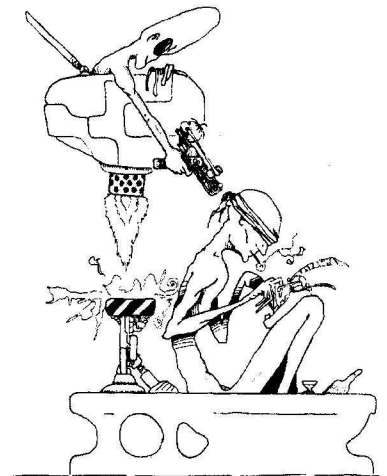
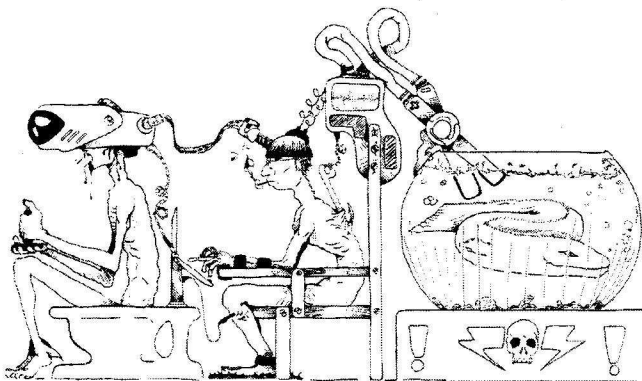
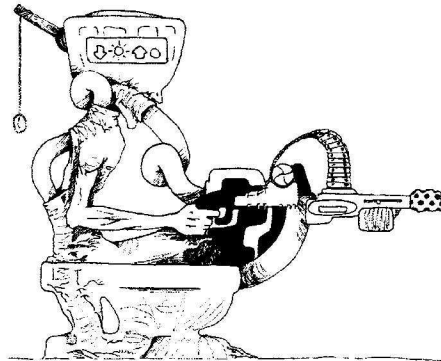
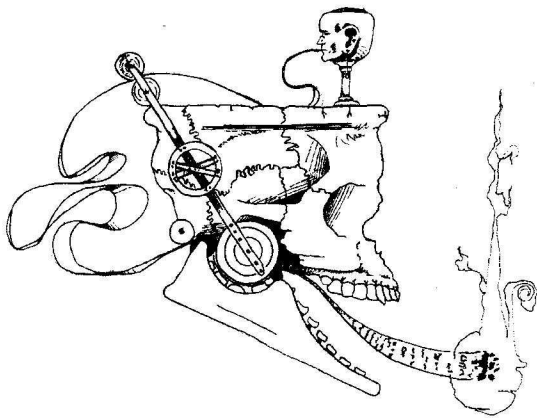
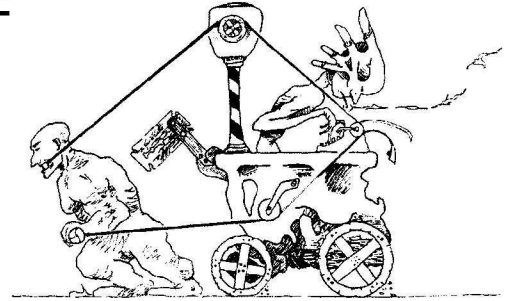
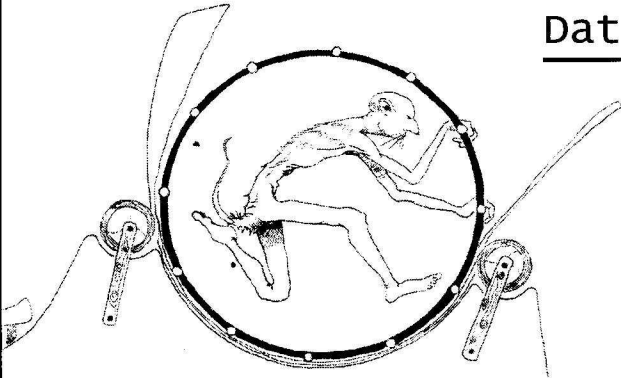
Juvenatrix [Editor: Renato Rosatti] Nº 52. Fevereiro 2002. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40. São Paulo - SP. 04773-070. Rrosatti@ig.com.br

Megalon [Editor: Marcello Simão Branco] Nº 64. Março 2002. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo - SP. 04771-180. ms_branco@hotmail.com. Resenhas do romance *Os Sete* de André Vianco e da coletânea *As Sereias do Espaço* de Jorge Luiz Calife. Artigos: "Prêmio Argos 2001" por Marcello Simão Branco, "Ficção Alternativa Brasileira" por Carla Cristina Pereira e "Chegam os Clones" por Roberto de Sousa Causo. Contos de André Carneiro; Lúcio Manfredi e Simone Saueressig. Colunas "Terras Alternativas" de Gerson Lodi-Ribeiro e "Arte Fantástica Brasileira" de Cesar Silva.

Notícias... do Fim do Nada [Editor: Ruby Felisbino Medeiros] Nº 52. Janeiro/Março 2002. Rua Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre - RS. 90220-150. Resenhas da coletânea *Superbrinquedos Duram o Verão Todo* de Brian Aldiss e da coletânea de divulgação científica *O Fim da Terra e do Céu* de Marcelo Gleiser. Artigos: "A Ponte de Einstein-Rose" por João Arthur Fortunato, e "Terrorismo e Ficção Científica" e "FC e Teatro", ambos por Roberto de Sousa Causo. Minicontos atuais e republicação de contos antigos da revista *Suspense*.


Gerson Lodi-Ribeiro

Máquina Datilográfica



Voyage um projeto multimídia na FC brasileira

Mais de 35 anos atrás, três anos antes da Apollo 11 pousar na Lua, um português criado na cidade de São Paulo, Adelino "Ghaba" dos Santos Abreu, com apenas 15 anos, publicava seu primeiro romance de ficção científica, *Viagem a um Planeta Artificial por Rapto* (1966), dando início ao que se tornaria o Voyage, o primeiro projeto multimídia da FC brasileira.

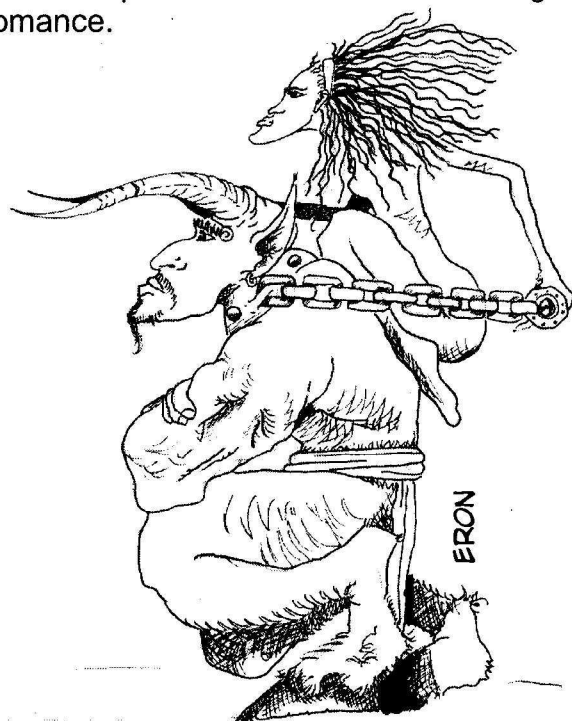
A notícia do lançamento do romance foi divulgada nos jornais paulistanos da época. Em sua edição de 05 de março de 1967, o *Estado de São Paulo* publicou uma matéria sobre Ghaba e seu romance, considerando-o "o mais jovem autor de ficção científica do Brasil".

O adolescente amadureceu. Adulto, Ghaba adotou uma postura em relação à sua obra que, embora possa soar menos idealista, é bem mais comercial e de um pragmatismo salutar. Primeiro, decidiu dar continuação ao romance original, transformando-o numa trilogia. Mais tarde, empenhou-se em alterar seu projeto literário para um outro, mais abrangente: um projeto multimídia, que incorporaria não apenas a trilogia, mas também CDs de áudio com as trilhas sonoras dos romances (uma iniciativa inédita na FC literária, em termos mundiais) e shows musicais ao vivo, para apresentar ao público as músicas dessas trilhas. E, além disso, DVDs e fitas de vídeo, onde as melodias das trilhas seriam transformadas em videocliques inspirados nos temas principais da trilogia.

Por ocasião do lançamento de sua segunda edição, a obra de estréia daquele

autor-adolescente foi rebatizado *Voyage I: Abdução* [Edicon, 1985], tornando-se o primeiro romance da trilogia. O segundo romance, *Voyage II: Gênese*, foi concluído em 1997, mas ainda aguarda publicação. A conclusão da trilogia, *Voyage III: Revelação*, ainda se encontra em fase de preparação.

A trilha sonora de *Voyage I: Abdução* foi composta por Cláudio Denis Maksoud, com título e letras em inglês. Os videocliques correspondentes são legendados em português. Aparentemente, as músicas não guardam relação direta com o enredo do primeiro romance. Tal não ocorre, contudo, na trilha sonora do *Voyage II: Gênese*, também de autoria de Maksoud. Aqui, cada uma das 13 melodias foi composta especialmente para cada capítulo homônimo do segundo romance.



Voyage I: Abdução conta a história Wakanerefy, um adolescente do século XXI, filho de Hokerh, um dos maiores cientistas da Terra. Nosso jovem herói entra em contato com máquinas alienígenas extremamente sofisticadas, que habitam um planeta artificial, situado num sistema longínquo. *Voyage* é o nome da missão que tais máquinas evoluídas enviaram à Terra.

Essas entidades artificiais foram fabricadas num passado remoto por uma civilização muito avançada, pouco antes de seus últimos cidadãos se libertarem dos grilhões da matéria e ascenderem a um estágio superior de existência. As máquinas inteligentes foram deixadas propositalmente para trás para disseminar o conhecimento e a tecnologia superiores entre as civilizações mais primitivas que se mostrassem merecedoras.

As entidades artificiais - denominadas "bolóides" - decidem haver chegado a hora de entrar em contato com a humanidade, quando percebem que nossa espécie encontra-se pronta para este estágio.

Talvez se possa argumentar que a temática dos alienígenas benévolos, que partem de nosso plano de realidade ou simplesmente se extinguem, deixando uma herança de saber para as culturas mais jovens, já constituía um clichê dentro do gênero, lá pelos idos da década de 1960... Embora discutível, a tese é defensável. Contudo, não era clichê na FC brasileira de então. Com certeza.

O filho adolescente do cientista assume o papel de elemento de ligação ideal entre a humanidade e as entidades artificiais. Nada mais natural para Ghaba, então com 15 anos, do que estruturar seu primeiro romance em torno de um protagonista adolescente. Wakanerefy é um jovem precoce e curioso, que anseia saber a resposta para algumas questões filosóficas fundamentais, que há muito afligem a humanidade: a necessidade da existência de um Criador; a origem do Universo e a presença de vida e inteligência fora da Terra.

Além da aventura de Wakanerefy e de sua viagem até o mundo artificial habitado pelos bolóides, *Voyage I: Abdução* traça um panorama interessante do futuro, apresentando uma série de idéias científicas e inovações tecnológicas interessantes, sobretudo para a época em que o romance foi escrito: conversão de matéria em energia; alteração de órbitas planetárias; contatos ufológicos e a temática de abdução associada; construção de mundos artificiais; projeto de consciências inorgânicas; conceito de raças semeando futuras civilizações pela galáxia afora; funções de microcomputador, televisão e telefone fundidas num mesmo aparelho; livros digitais; colonização de Marte; microcâmeras de vídeo, e muito mais. Idéias e temas comuns à ficção científica, algumas das quais já começam a ser timidamente concretizadas nos dias de hoje. Idéias e temas que os autores anglo-saxões começaram a desenvolver nas décadas de 1930 e 1940.

O tom desse primeiro romance tem, aliás, algo em comum com aquele otimismo ingênuo, inspirado na crença do poder da tecnologia para construir um futuro melhor, mais civilizado e menos violento. Uma crença presente em muitos contos norte-americanos do início do século. Neste sentido, Ghaba é um precursor em termos da FC brasileira. Afinal, na década de 1960, ninguém por aqui escrevia romances futuristas desse tipo. Um precursor que, infelizmente, até hoje ainda não teve sua importância histórica reconhecida.



Gerson Lodi-Ribeiro*

[*] Gerson Lodi-Ribeiro é escritor de ficção científica e história alternativa, autor das coletâneas *Outras Histórias...*, *O Vampiro de Nova Holanda* (ambas pela Editorial Caminho) e *Outros Brasis* (Papel & Virtual) e co-editor da antologia *Phantastica Brasileira*. É também o autor das noveletas "A Ética da Traição" [*Isaac Asimov Magazine* # 25] e "A Filha do Predador" (esta sob o pseudônimo de Daniel Alvarez). É sócio da Editora Ano-Luz e atual presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica.

HOMem²¹

Enigmas da Atualidade

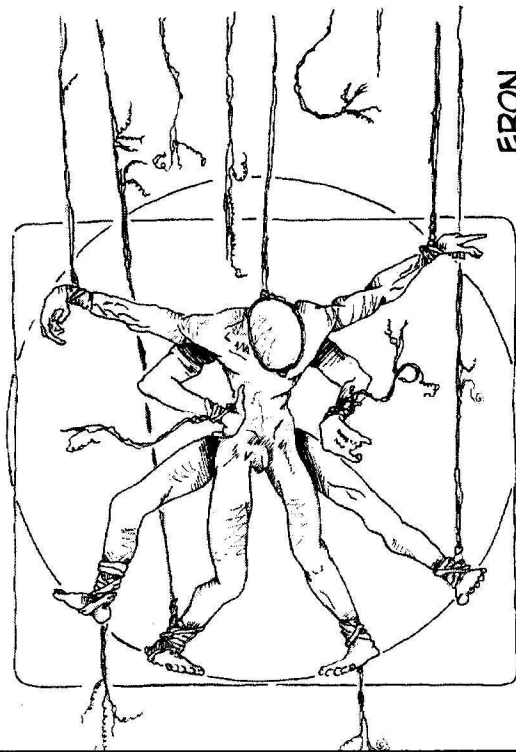
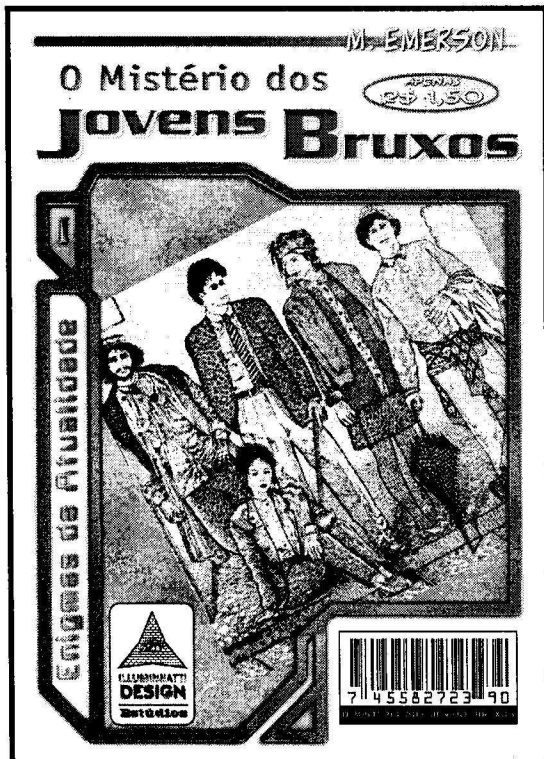
Escrita por Emerson Magalhães e desenhada por Jaguar, a série **HOMem²¹ - Enigmas da Atualidade** foi criada para atender as intenções estilísticas do projeto literário "O Livro de Anna Victoria".

Consistia em 48 tiras e 12 páginas dominicais, respectivamente a última e a primeira história da série, separadas por um período de dois anos. Essas foram as únicas histórias planejadas originalmente, intercaladas com a trama principal do Livro. Mas a idéia do grupo pareceu tão boa e rica em possibilidades, que o autor decidiu expandir mais o *Universo 21* (vide box).

Em primeira mão, o *Somnium* publica nesta edição as 16 primeiras tiras da **HOMem²¹**. Confira no caderno de contos, a partir da página 15.

Mas antes, conheça um pouco da **HOMem²¹** na matéria a seguir.

Boa leitura!



O Mistério dos Jovens Bruxos é um projeto de quadrinhos que traz as histórias de duas equipes da *HOMem²¹*: o **Grupo de 22** e o **Grupo de Novembro**. Cronologicamente anterior às tiras, *Jovens Bruxos* narra o estranho caso de um homicida serial e sua relação com a *HOMem²¹*. Texto e arte de Emerson Magalhães. Ainda em produção, sem previsão de lançamento.



Que diabos é a HOMem²¹?!

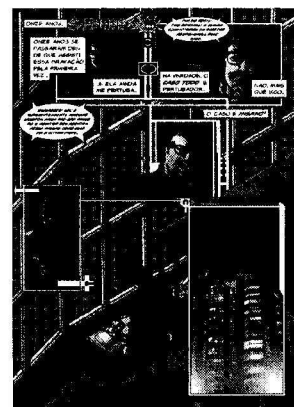
Depoimento do Sr. Guimarães Oliveira, 22 anos, sergipano, que fez parte do *Grupo Verde Oliva* durante os meses de Janeiro a Abril de 2001:

É, eu participei do grupo. Investiguei uns 20 casos, que depois transformei num livro. Vai ser lançado por esses dias. Antes, eu tocava numa banda de Pagode lá no Ceará, mas tava sempre procurando um servicinho extra para espichar o orçamento. Foi quando vi o anúncio de "Empresa multinacional em fase de expansão seleciona pessoas de ambos os sexos, 1º ou 2º grau completo, idade 18 a 55 anos. Oferece: salário compatível com a função, refeição, transporte, moradia e treinamento. Enviar currículo para Caixa Postal 3486 até o dia 15 deste mês." Mandei meu currículo e fui chamado. Perguntaram logo se eu já tinha ouvido falar do ET de Varginha e do Chupa-cabras. Eu disse que sim. Depois, a coisa foi ficando mais esquisita: falaram de um saci de dentes de ouro, do velho do saco, das estátuas de Nossa Senhora que choravam sangue, do maníaco do parque, do fantasma de Getúlio Vargas e uma pá de asneiras. Foi tanta coisa que eu achei que estava numa pegadinha do Faustão. Teve então uma porrada de testes, tipo descobrir numa revista mensagens cifradas e coisa assim. Uma tal de criptografia romana era o básico que eu precisava saber, disseram eles. Estudei por alguns dias esse negócio e me deram uma revista para o teste e só sei que fui aceito, afinal de contas.

Foi aí que descobri onde eu estava metido. Logo de cara fui mandado para o sertão da Bahia, junto com mais três novatos e dois instrutores, para "aprender o ofício" e acabei no meio de uma abdução alienígena, um fantasma de índio velho que devorava cabeças e a ressurreição espectral de Canudos. Acredita não? Pois está tudo descrito no meu livro. A mais pura verdade. Quase morri no final desse primeiro caso. Só continuei no emprego por que a grana foi boa e eles gostaram do meu trabalho. Os outros foram embora, não agüentaram.

Hoje eu estou meio que de férias do trabalho. Perdi um braço e parte da perna direita no meu último caso, que era "só pra vê um poço seco no interior de Alagoas". Tu já visse *O Senhor dos Anéis*? Manja aquele monte de esqueleto na mina do anão? Coisinha assim, só que os esqueletos eram de ETs e quando a gente foi lá olhar, amigos dos caveirinhas baixaram de um monte de nave e meteram uns bagaços de guerra na gente. Só se salvou eu e a Helena, que ficou cega.

Mas dizaí, tu quer saber o quê da HOMem²¹? Se a gente pode falar dela assim, na boa? Claro... Ninguém acredita mesmo nessas histórias! É claro que eles não contam muita coisa para os agentes do nível da gente. O que sei da HOMem²¹ foi o que me contaram. E o que contaram foi o seguinte...



(Condensado da Introdução do livro *Brasil Bizarro - Histórias Verdadeiras do Outro Mundo*, de Guimarães Oliveira)

"Em fins do século XIX, um grupo de cientistas e industriais (franceses e ingleses, respectivamente) propõe enviar um homem à lua, inspirados que foram pelos romances de Jules Verne.

Entretanto, o projeto fracassa. A tentativa final de alcançar a lua é detida pela força da gravidade e o máximo que conseguem é enviar dois astronautas aonde nenhum homem jamais esteve: um ponto mais alto do que a mais alta das montanhas.

A história teria terminado aí, se algo muito estranho não tivesse acontecido aos pioneiros astronautas. Depois de resgatados, pareciam enlouquecidos. Falavam de um lugar além do tempo e do espaço e de como foram recebidos pelo Rei do Mundo. Traziam mensagens, idéias e planos fantásticos, presentes destinados ao Homem quando este conseguisse ultrapassar os limites de sua casca planetária.

Os cientistas do projeto examinaram o caso. Fizeram correlação com as histórias de montanhistas e monges tibetanos que às vezes ouviam palavras longínquas, vindas do céu. Descartadas como eco, êxtase religioso ou loucura dos alpes, nunca foram alvo de pesquisas sérias. Existe apenas um manuscrito do século XIV que explicava a razão dos mosteiros e lugares santos serem sempre construídos em lugares tão altos e do porquê da subida de Moisés a uma montanha para "receber" as tábuas da lei.

A partir desse momento, segundo as histórias que contam, nasceu a *HOmem21*, uma poderosa organização que dominaria grande parte da tecnologia do planeta, oculta dos homens comuns. Isso, vale lembrar, é o que os mais velhos contam.

Mesmo os membros que fazem parte dela não conhecem a fundo seus objetivos e sua extensão, nem quem a controla realmente. Muitos duvidam da origem folhetinesca do grupo. Acham que a organização é uma Loja Maçônica de Cientistas ou um Grupo Militar Ultra-secreto Euro-Americano.

A *HOmem21* (cujo nome ninguém sabe realmente o que significa - as lendas dizem que os emissários de Agartha escolheram esse nome, pois traria o Ano Novamente e correspondia a uma cabala alquímica para a pedra filosofal) atuou na História da Humanidade por todo o século XX, não só na ciência e tecnologia propriamente dita, mas principalmente no ramo da literatura que veio a ser conhecido como "Ficção Científica".

Porquê? Ninguém diz. Um grande projeto também teria sido iniciado na década de 60, com **2001 - uma Odisséia no Espaço** e culminaria no *Objetivo Final* da organização, no fim dos anos 70. Mas não foi o que aconteceu. Sem maiores explicações, a conclusão

do *Grande Projeto* foi adiada quando surgiu nos cinemas o primeiro **Guerra nas Estrelas...**

Haveria alguma coisa no filme que comprometeria o plano? George Lucas era um membro da *HOmem21*? Ninguém sabe. Ou, mais precisamente, ninguém quer falar. Dizem que quando a nova trilogia acabar, a *Conclusão* virá...

Nessa mesma época, todos os projetos não-relacionados a Ficção Científica que estavam em andamento nos EUA foram transferidos para a Europa e o Japão. Um grupo de elite foi designado para a América, atuando não só nos Estados Unidos mas em todo o continente americano.

O Novo Mundo separou-se da *HOmem21* original é uma etapa desconhecida na vida de seus membros iniciava-se..."

A *HOmem21* Brasil

"Membros influentes na hierarquia nacional da organização afirmam que o objetivo do grupo brasileiro é catalogar os fatos incomuns que acontecem no nosso país. Pelo menos é o que dizem. Pesquisam todos os fatos estranhos, bizarros, sobrenaturais que acontecem no Brasil e nas fronteiras... Investigam queda de OVNI's, abduções, fantasmas, cidades perdidas, conspirações locais, fenômenos desconhecidos e tudo o mais que cair na sua área de atuação. Eles não são como o Arquivo X. Não resolvem nada, não opinam, não salvam ninguém. Apenas coletam os dados. É claro que de vez em quando um grupo se envolve mais do que devia. A maioria das vezes, entretanto, é por força das circunstâncias. Eu mesmo senti isso na pele desde o meu primeiro caso, mais por azar do que curiosidade. Agora, para quê eles querem saber de tudo isso? E a ficção científica, quem pesquisa? Nem pergunte..."

Eu creio que o *Real Objetivo* deles é outro. Só no Brasil a *HOmem21* possui uma função tão inconsistente, totalmente desvinculada do grupo original... Mesmo assim, quando os *Poderosos* de fora nos visitam, a primeira coisa que perguntam é como anda a *Catálogo e o Registro*. Mas eu tenho dúvidas sobre o que realmente é catalogado e registrado...

As reuniões de visita acontecem em várias partes do Brasil, só com os figurões internacionais. É aí que se esconde o segredo. Eu soube que uma vez, em São Paulo, eles pediram uma pesquisa sobre os escritores de Ficção Científica brasileiros e suas obras. O Diretor de Sampa entregou então duas caixas cheias de papel e disquetes, sinal de que vinha trabalhando nisso por muito tempo. E para quê então é a catalogação dos casos inacreditáveis que acontecem no Brasil? Pesquisa para os escritores americanos de FC? Idéias para filmes? Ha...

Eles recrutam pelos classificados dos jornais os mais variados tipos de pessoas, de todas as raças e credos, das mais diversas profissões, para investigarem seus casos. Deve ter algum grupo pesquisando a Ficção Científica Brasileira para eles. E algum outro, REALMENTE fazendo a missão VERDADEIRA..."

A DERRADEIRA PUBLICIDADE DO HEBEFRENICO ALFREDO

Ivan Carlos Regina

HEBEFRENIA

É uma forma de esquizofrenia que se caracteriza por desordem do pensamento, anormalidades emocionais, bruscas variações de humor e debilidade da volição.

SINTOMATOLOGIA

O sintoma principal é o distúrbio do pensamento, até a completa desorganização do pensamento e da palavra. Alucinações auditivas e visuais. Normalmente incidente em jovens brilhantes, com bom rendimento profissional e escolar.

EVOLUÇÃO

Distúrbios de conduta, evoluindo rapidamente para a demência.

É muito curioso eu estar colocando estas palavras no papel, não só por eu estar acostumado a redigir no vídeo como também o fato dele praticamente estar em desuso. Talvez faça parte da minha síndrome, ou talvez seja uma maneira de aclarar as coisas no meu pensamento.

Meu nome é Alfredo Carlos, mas tenho a certeza de que vocês me conhecem pelo nome que costumo assinar minhas propagandas, "Alfred Car". Eu fiz aquela propaganda do Salt-a-Pic em que mulheres se masturbavam mutuamente, aquela cujo texto dizia - "Coçar, masturbar e Salt-a-Picar é só começar".

Pela primeira vez na minha vida me assaltam dúvidas. Será por que completei trinta anos? Será que abandonar a juventude é assim tão traumático?

Recordo-me do meu tempo de jovem como era determinada a minha vontade de vencer. Queria ganhar dinheiro, e muito,

para comprar todas as coisas que almejava. Para que as pessoas quando me olhassem pensassem ali vai um vencedor, alguém que antes dos 25 poderá ganhar um milhão de dólares.

Quando comecei a trabalhar nesta Agência de Publicidade, a MAC-CANADIAN, adorava meu emprego. Isto foi há doze anos atrás. Fui contratado para ser office-boy e levar papéis das mãos de um executivo e entregá-los para outros executivos. Como a quase totalidade das informações trafega hoje via videotexto e teleprocessamento meu serviço se restringia a um ou outro documento que, por ser secreto, exigia entrega pessoal.

As pessoas sabem (ou sentem) que telefones, computadores, enfim, máquinas nunca são completamente sigilosas e preferiam usar-me para troca da correspondência importante, notadamente a pessoal.

Das minhas seis horas de serviço sobravam-me diariamente cinco horas e meia. Com o ardor da minha pouca idade (18 anos) não conseguia ficar parado esperando a papelada chegar. Todos os dias ia à sala dos Silva e, embora fosse proibido conversar com eles, ficava-os observando. Com isto me tornei, sem querer, o maior especialista em Silva da Agência, e isto modificou minha vida.

Se vocês não estão acostumados com o jargão que, nós, os publicitários, usamos, deixe-me explicar alguma coisa para você sobre o assunto.

No final da década de oitenta, o mundo estava repleto de pesquisas estatísticas. Para se lançar um candidato a político, para se promover a mudança da quantidade de açúcar de uma marca de iogurte, para se alterar o rótulo de um queijo prato, enfim, para qual quer coisa que se pretendesse fazer com sucesso era necessário uma pesquisa estafante com milhares de eleitores potenciais, leitores ávidos, consumidores implacáveis, etc. . . Isto era oneroso não só para o cliente, mas também pesava sobre as contas da Agência de Publicidade contratada para desenvolver a campanha. Era comum o Diretor-Presidente de uma grande empresa vociferar - Puxa, para descobrir que uma pasta de dentes não pode ser preta precisaram consultar 1.000 residências?

Um dia, um gênio da publicidade (e era da MAC-CANADIAN) pensou: Toda estatística procura encontrar o consumidor padrão. Se o consumidor padrão existir de verdade, basta

consulta-lo para saber o resultado médio da gaussiana de opiniões. Foi difícil, mas conseguiu convencer nosso presidente de que a idéia era viável. Assim foi lançado o concurso - Preencha o formulário e se você for o consumidor padrão milhões de prêmios para você.

O formulário de avaliação do concurso tinha 200 perguntas, desde aquelas tradicionais, tais como - número de banheiros e aspiradores de pó, quantidade de empregadas mensalistas - como algumas de caráter consumista e/ou psicológico - o Sr. gosta de flocos de cereais? Qual a sua cor preferida? O Sr. acha o sexo saudável de manhã?

Não preciso dizer que o sucesso foi estrondoso, abrangendo 87% das famílias cadastradas no último censo nesta metrópole. O prêmio ao vencedor seria dar a ele a oportunidade que ele sempre quis ter: consumir sem precisar se preocupar com mais nada.

Todas as respostas foram lidas opticamente por um terminal de computador, e, depois de analisadas, indicaram o Sr. Silva e família como sendo exatamente o consumidor padrão do lote de amostras. Em outras palavras, o Sr. Silva e sua família escolheram as 200 respostas majoritárias na escolha das outras pessoas. O Sr. Silva encarnava pessoalmente toda uma coletividade. É evidente que seu nome não era Silva, mas foi assim rebatizado e é assim que ficou conhecido até hoje, quando estamos já na 37Q família Silva a ganhar o concurso.

A família Silva, composta do Sr. e Sra Silva, da filha Silva, do filho Silva mais velho e do filho Silva mais novo mudou-se para uma casa de vidro incrustada dentro da MAC-CANADIAN, onde fica sob a observação dos nossos redatores de publicidade.

Como eu era jovem e não tinha o que fazer observava o Sr. Silva a comer seus hambúrgueres, um atrás do outro. A Sra Silva preparava, alternadamente, os 87 sabores de um macarrão instantâneo e o Sr. Silva dava a sua opinião, incontinenti é evidente que o macarrão era sempre o mesmo, o que mudavam eram os pacotinhos de tempero que davam sabor à massa. Com que boca o Sr. Silva devorava seus hambúrgueres. Uma vez me deu vontade de contar para ele que eram feitos de soja e carne de minhoca, mas eu não podia interferir. Se o consumidor padrão não sabe, ou finge que não sabe, eu não poderia modificá-lo, não é mesmo?



O Silva filho mais novo masca chiclete o dia inteiro. Praticamente não tem mais dentes, todos cariados. E olha que ele usa a Pasta Algate, a que dá proteção total contra todos os tipos de cárie. Contém flúor e Zíncrom-2. A Silva filha está ficando mocinha. Já pode usar PétaIa Total e assistir as novelas com a mãe. Tem o cabelo cortado rente e uma franja prateada, que é a última moda (e nunca a primeira). O Silva filho mais velho já tem sua gang e fuma 2 maços de cigarro por dia e o Sr. Silva está preocupado porque pensa que ele pode ser viciado em drogas. O Silva filho mais novo ganhou uma espingarda que dispara setas com pontas de borracha e diverte-se disparando sobre nós, que temos os rostos colados ao vidro da parede da sua casa. Sua mãe grita para ele parar, mas ele não para porque sabe que ela só grita.

A família Silva é muito feliz. Todos os dias, no almoço, tomam um dos 17 sabores de K-suco geladinho. Mãe Silva lê sua revista das fococas da televisão todo santo dia em que os filhos estão na escola, ou, ao menos, nos dias em que ela pensa que eles es tão.

Infelizmente temos que substituir o Sr. Silva de tempos em tempos. A grande maioria deles morre com câncer no aparelho digestivo. A Agência está pensando em fazer uma análise ergonômica das cadeiras utilizadas pela família, que, segundo pensa, poderiam pressionar seu estômago e provocar tumores. Algumas vezes mãe Silva pira e a família deixa de ser padrão, tendo, evidentemente, que ser substituída. Já tivemos ate um Silva filho que disparou sobre um redator. Que absurdo!

Mas o sistema é um sucesso. O que a família Silva aceita, será aceito pela comunidade. O que a família Silva adora, será adorado pelos consumidores. O que a família Silva rejeita não tem chance de ser vendável.

Aos 21 anos eu era o maior especialista em Silva da Agência, pois ninguém tinha tanto tempo disponível para observa-los.

Foi quando tive minha chance de passar para redator. O Sr. Ricardo, nosso redator neurótico de ansiedade, foi promovido a paranóico e deixou vago o seu lugar.

Meu grande sonho foi e será ser um redator neurótico.

Para aqueles que não sabem, quase todas as agencias de publicidade atuais usam desse recurso.

Já no final da década de 80 a grande maioria dos redatores de publicidade usava e abusava de cocaína e outras drogas, a fim de aumentar a sua criatividade.

A propaganda tem como fim enquadrar os seres humanos dispersos do padrão de consumo tornando-os, se possível, consumidores com as mesmas características dos demais.

Isto cria um estranho paradoxo: A publicidade tem por objetivo massificar as pessoas, tornando-as iguais no desejo. Para continuidade de suas atividades, porém, a publicidade precisa de pessoas criativas, capazes de, literalmente,

tirarem do nada novas idéias, a fim de sensibilizar, a maioria dos carneiros.

Para tornar os redatores mais criativos criaram-se dispositivos artificiais capazes de inculcar personalidades complexas sobre as já existentes, abrindo novas portas no processo de criação.

Muito embora as máquinas e as personalidades variem de agência para agência, no geral o processo é análogo.

Na MAC-CANADM temos 5 redatores neuróticos, ou pseudo-neuróticos

- Roberto, neurótico fóbico - tem pavor de espaços fechados, fez a famosa propaganda do necrófilo com as batatas chip.

- Armando, neurótico obsessivo bolou a foto do close anal, **que vendeu dois milhões** de calcinhas descartáveis.

- Ester, neurótica depressiva fez, entre outras, a propaganda da eficiência do correio baseada em Van Gogh, em que uma orelha é remetida por carta e chega ainda pingando sangue.

- Durval, neurótico histérico, autor da famosa frase :"**MAIS VALIUM NA MÃO DO QUE DOIS PIRANDO!**"

E eu, Alf Car, neurótico de ansiedade, sinto-me sempre intranquilo.

Agora me parece que a minha vida está sempre por um fio. Consigo enxergar os dois lados de todas as moedas. Você já deve ter tido a sensação de que a sociedade te deve alguma coisa, de que você trabalha demais e não é recompensado, que, embora você goste de sua família, você queria era sucesso, muito sucesso profissional, que você poderia ter todas as mulheres que quisesse, que é uma injustiça o pouco que você ganha, afinal você é tão bom, ou melhor, que seu chefe, mas não posso expressar isso, pois posso perder o emprego, será que meus colegas gostam de mim, meus filhos não me obedecem mais, estes produtos são sempre uma porcaria, eu não vou economizar nada, eles se quiserem que mudem isto tudo, afinal não fui eu que fiz assim...

Eu fiz a propaganda do homem que esbofeteia o chefe, abandona o emprego e vai tomar cerveja QUARK no alto de uma montanha. Hoje todos que tomam a cerveja QUARK acreditam que estejam esbofeteando seu chefe.

Eu fiz aquela propaganda do cigarro de maconha que dizia no final:- Você pode se dar isso, depois do dia que você teve - E, como todo mundo **nunca** tem o dia que idealizou, mas sempre pior, as vendas aumentaram 250%.

Eu fiz tanta coisa. Ser neurótico é sofrer não só com a vida que se tem, mas principalmente com as que se poderia ter tido.

Em nove anos de neurose tornei-me quase um neurótico. Rico, admirado, invejado, pois em terra de carneiro o neurótico é rei.

Consegui, entretanto, separar parcialmente a personalidade de trabalho da minha cotidiana. Através da análise consegui equilibrar as tensões e ansiedades oriundas da minha personalidade inculcada. Este equilíbrio, embora instável, pode ser preservado até três semanas atrás, instante em que me ofereceram promoção: Com o afastamento de Bruno, nosso redator psicótico hebefrênico, fui convidado a assumir e já tomei três sessões de superposição de personalidade. Sinto-me ótimo! É tão bom ser um hebefrênico

Cheguei a conclusão que tinha e tenho razão.

Realmente eu sou o melhor redator de publicidade do mundo. Eu fiz a campanha da orgia com goiabada, eu bolei o doente imaginário que se cura com a cola-real, eu satisfiz milhões de consumidores.

Descobri que os Silva não querem mais ser Silva. São Silva porque não tem coragem de deixarem de ser. Eu resolvi isto também. Matei a família Silva. Misturei veneno no seu ar condicionado. Como foi bom ver os Silva agonizarem!

Sr. Silva, como o Sr. é feliz! Esta é a vida que o Sr. sempre quis!

A morte, Sr. Silva, é a última, é a máxima realização do consumidor. Eu posso te dar isso, Silva, e te dei.

Consumidores do mundo inteiro, univos na morte. O Objetivo da criação de carneiros é a carne.

Eu libertei a MAC-CANADIAN do jugo da responsabilidade. Matei a todos. Quero matar tantos quanto consiga, para libertar a humanidade do consumo.

Eu sou uma ave branca, grande, rara e graciosa, porém gorda

Eu sou a besta de três chifres

Eu sou um ovo na geladeira da vida

Eu sou o catchup do seu hot-dog

Caiu um dado viciado no Tibet

E o presidente dos EUA fez atchin

As sensações do mundo todo

São para e estão em mim.

Ficarei aqui sozinho porque

.....

.....

esqueci

Mas tenho que me lembrar, pois é importante!

Alguém há de restar, nem todos poderão sumir Sobrou eu, que sozinho, tudo terei de consumir.

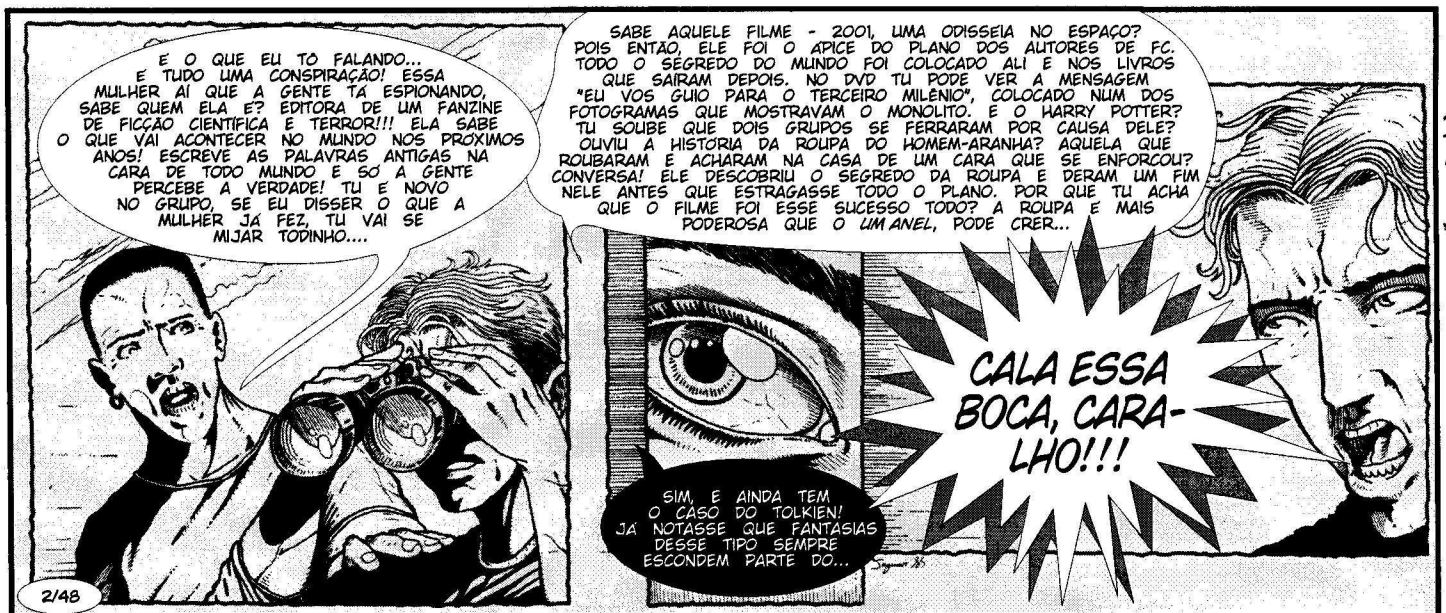
Sou o consumidor padrão

Sou o consumidor patrão

Sou só consumidor

Sou o único consumidor, portanto...

Consumirei a mim próprio.....



Bruno

Ana Vasco

Bruno nasceu quando os seus pais haviam já perdido as esperanças de terem um filho. Não é por isso de admirar que Bruno tenha sido sempre muito mimado e protegido pelos pais, que o consideravam uma dádiva de Deus. Ficou memorável o dia em que Alice descobriu, ou melhor, teve a confirmação de que estava grávida. Encheram a casa de familiares e amigos e festejou-se pela noite fora. Até os vizinhos participaram. Sempre era uma forma de poderem prolongar a festa sem incomodar ninguém.

Até ao nascimento, Manuel não se poupou a esforços para que Alice tivesse uma gravidez tranquila. Além de lhe satisfazer os mais pequenos desejos, munuiu-se de livros e manuais relacionados com a educação de um filho, que lia e analisava exaustivamente até ao mais pequeno pormenor. Passado pouco tempo, Alice já não podia ouvir falar em primeiro choro ou terror infantil.

No dia do nascimento tanto sofreu a mãe com as respectivas dores de parto, como o pai com a angústia da espera. Sentindo-se impotente perante algo de que a mãe natureza se encarrega tão bem, passou as horas que decorreram desde a primeira contração até à altura em que levaram a esposa para a sala de operações, fazendo promessas, traçando planos para as suas vidas daí para a frente. Foi com alívio que Alice viu chegado o momento de a levarem para a sala de operações por não ter conseguido a necessária dilatação para um parto normal. Não tanto por ser uma forma de deixar de ter dores mas mais para se ver livre de uma forma airosa do marido, de tal forma estava exausta só de o ouvir repetir vezes sem conta a mesma conversa.

Sorrindo-lhe, deixou-se levar para dentro. Finalmente poderia concentrar-se no momento mais desejado da sua vida, o nascimento do seu filho, após quase dez anos de exames, tratamentos e muita frustração. Pouco tempo a separava desse momento tão mágico e tão ansiado. Uma anestésia, umas horas e acordaria para uma nova vida cheia de promessas de felicidade.

O futuro pai, angustiado e sem ter ninguém com quem continuar a conversa, massacrava os ouvidos da

funcionária de serviço na recepção. Ao fim de cinco minutos ela ficou a conhecer a decoração do quarto com tal pormenor que iria jurar já lá ter estado. Ao fim de um quarto de hora, sabia já que curso o filho iria fazer, bem como a marca e a cor do carro que ele lhe iria oferecer quando se formasse. De nada valeram as amáveis mas desesperadas indicações da funcionária de que poderia esperar sentado. Dava dois passos na direção da sala de espera, mas logo voltava atrás para lhe contar mais algum pormenor. E só quando ela se levantou, desculpando-se com uma ida ao toalete, e deixou por alguns minutos a recepção, escondendo-se atrás da porta à espera da reação do nervoso pai, este desistiu de esperar e dirigiu-se finalmente à sala de espera, procurando nova vítima. Uma infeliz avó, que esperava notícias também do nascimento da sua décima neta, nunca mais iria esquecer aquele dia. Não tanto pelo alegre acontecimento mas pelo desconforto que sentiu ao fim de meia hora de estar com alguém tão incômodo e insistente. Esteve tentada por várias vezes a mandá-lo calar, mas a sua boa educação não lho permitiu. Contudo, tomou nota mentalmente de que da próxima vez que tivesse que se sentar naquela sala de espera, iria certificar-se primeiro de que a esposa daquele personagem tão incômodo não teria dado entrada naquele serviço.

Algum tempo depois, que pareceu uma eternidade à avó e à funcionária de serviço, pois apesar de ele se ter afastado, sua voz ouvia-se no corredor, chamaram-no para conhecer o seu filho. Paralisado pela surpresa, foi preciso que sua vítima mais recente lhe desse um empurrão para que ele seguisse a enfermeira. Mal conseguia conter o nervosismo e a expectativa. Com uma satisfação indescritível ouviu a enfermeira dizer:

- Parabéns! É pai de um rico menino de quase quatro quilos. A mãe está bem, mas só irá acordar dentro de algumas horas. Venha, pode pegar no seu filho.

A emoção era tão forte que ele não conseguiu articular uma palavra. Grossas lágrimas soltaram-se dos seus olhos quase esbugalhados que fitavam aquele pequeno ser. Pegou-o com mil cuidados, com receio de o partir. Com muito jeito, chegou-o a si, aconchegando-o nos seus braços. Ele que não se calara um segundo nos momentos que antecederam o nascimento, foi incapaz de dizer uma palavra para que seu filho pudesse ouvir sua voz. Em lágrimas, muito emocionado, devolveu a criança à enfermeira que o levou por uma porta, tirando-o de sua vista.

Sentiu uma dor forte no coração, como se receasse não o voltar a ver. A enfermeira que, entretanto, deixara a criança, voltou para junto dele. Vendo a sua hesitação e o seu olhar assustado, tranquilizou-o, explicando o que iriam fazer ao seu filho. Poderia vê-lo mais tarde no quarto de sua esposa. Agora, teria que o deixar entregue aos cuidados das enfermeiras.

Como uma criança, deixou-se conduzir para a sala de espera. Completamente exausto e derrotado por tanta emoção, deixou-se ficar sentado durante alguns minutos, fixando o vazio, sem proferir uma única palavra. A recepcionista, estranhando o seu silêncio, dirigiu-se a ele, perguntando se estava se sentindo bem. Teve que lhe tocar no ombro para o acordar da letargia em que caíra. Surpreendido com a presença dela, respondeu-lhe afirmativamente com a cabeça. Nem mais uma palavra voltou a sair da boca daquele pai que minutos antes a torturara com sua conversa interminável e repetitiva.

Não sabe ao certo quanto tempo que ali ficou imóvel. A funcionária da recepção espreitava-o de vez em quando, chegando mesmo a recear que algo lhe tivesse sucedido, tal era o mutismo e a imobilidade em que ele se mantinha.

Só se mexeu quando o chamaram, dizendo-lhe que a mãe e o filho já estavam no quarto e que ele, se quisesse poderia espreitá-los. Depois, teria que os deixar descansar.

Deixou-se conduzir até ao quarto. Emocionado, viu a sua esposa deitada na cama, imóvel. Deveria estar a dormir. Com muito cuidado para não fazer o mínimo ruído, dirigiu-se à cama, dando um leve beijo na testa de Alice.

Olhando para o berço sentiu um nó na garganta, as lágrimas a quererem soltar-se novamente. Fazendo um esforço para se conter achegou-se do berço. A visão que teve nesse momento marcou-o para toda a vida. De barriga para baixo, com a cabecita virada de lado, dormia a razão da sua existência, o motivo por que a partir desse momento iria viver. Tocou com um dedo a pequena mão do seu filho. Emocionado, jurou que tudo faria para que o seu filho fosse a criança mais feliz do mundo. E que nunca lhe faltaria nada. Não se atreveu a dar-lhe um beijo com receio de o acordar. Sentindo a mão da enfermeira no seu braço, sinal de que teria que sair, lançou uma vez mais o olhar para a sua esposa, em jeito de despedida. Virou as costas e saiu do quarto.



Depois de lhe informarem as horas de visita, grande inconveniência dos estabelecimentos públicos, mas que Alice escolhera por se sentir mais segura, deixou o hospital. Eram dez horas da noite. Estava incapaz de raciocinar. Um turbilhão de emoções e pensamentos invadiam-no e tomaram conta dele de tal modo que nem sequer se lembrou de telefonar aos familiares para dar a notícia. Entrou no primeiro bar que encontrou e entre rodadas oferecidas e partilhadas com os presentes, bebeu até de manhã. Quando saiu, o dono deu-lhe um cartão, dizendo que voltasse sempre que quisesse. Pelo meio perguntou-lhe quantos filhos é que ele tencionava ter. E que não se esquecesse dele. Gastara uma pequena fortuna nessa noite. Mas nada disso importava. Apenas pensava em Alice e no seu filho. E na sua vida que tanto iria mudar daí para a frente.

Foi com extrema dificuldade que ele conseguiu ir à primeira visita. Vinha branco e agoniado, mas nunca deu parte fraca. Alice, que já acordara da anestesia, mas que se sentia ainda um pouco atordoada, não deixou de notar no estado do seu marido. Sorriu apenas, sem lhe fazer perguntas.

Nunca falhou uma visita, apesar do mau estar que o invadia. Teve mesmo que ir ao médico. Felizmente, nada que uma dieta não curasse. Estoiicamente agüentou as dores e o mal-estar, tentando não se manifestar para não incomodar a esposa.

Nunca mais iria esquecer aqueles dias. Pela emoção experimentada pelo nascimento do seu filho e por uma mazela no estômago que nunca mais o abandonou, marcando presença sempre que ele, por distração ou levado pelo entusiasmo, se descuidava, comendo e bebendo mais desregradamente.

O regresso para casa da esposa e do filho foi dia de festa. Convidou os familiares mais chegados a estarem presentes no momento da chegada. Organizou até uma pequena festa. Alice, ainda atordoada pela internação, teria preferido chegar a casa sem ninguém à espera dela para usufruir de algum sossego pela primeira vez desde que dera entrada no hospital. Mas não teve coragem de contrariar o seu marido, que explodia de contentamento.

O primeiro contato do pequeno Bruno com sua casa foi assim, no meio de grande reбуição e atenções, algo que ele iria conhecer durante toda sua

vida. Era filho único, muito desejado, tendo apenas dois primos muito mais velhos. Cedo se tornou no centro das atenções daquele pequeno núcleo familiar.

Cresceu rodeado de carinho e ternura de todos os adultos que com ele conviviavam. Cedo demonstrou ser uma criança alegre e inteligente. Começou a falar muito cedo para regozijo dos pais, que o incentivavam a repetir mesmo as palavras mais complicadas. Aos dois anos mantinha já uma pequena conversa de adulto, aplicando acertadamente as palavras que compunham o seu extenso vocabulário.

Começou também a andar cedo, demonstrando uma grande agilidade a trepar pelas grades do parque onde o colocavam de vez em quando, mas não por muito tempo, com receio de que ele se sentisse aprisionado. Foi sem qualquer dificuldade que começou a andar, sem ter que gatinhar primeiro.

Aos três anos demonstrava um desenvolvimento acima da média, o que enchia seus pais de alegria e satisfação, por verem seu rebento crescer daquela forma tão perfeita.

Desde muito cedo que o pai, adepto das novas tecnologias, tentou cativá-lo para os computadores. Sentava-se por vezes durante algum tempo, não muito, para não prejudicar seus tenros olhos, à frente do computador, com o filho ao colo. Dizia ele que se as crianças aprendem a gostar de música ainda no ventre materno à força de a ouvirem, também iria aprender a gostar de computadores se sentasse à frente de um todos os dias, mesmo que por pouco tempo.

Bruno começou muito cedo a mexer no computador. A princípio, movido apenas pela curiosidade, experimentava carregar nas teclas sem qualquer nexa, só pelo prazer de ver aparecer aqueles curiosos sinais no monitor. Mas rapidamente começou a efetuar pequenas operações, como abrir um documento, escrever algumas letras e números ou fazer desenhos. Quando entrou para a escola primária, já sabia ler e efetuar operações simples.

Como prêmio pela entrada para a escola, o pai ofereceu-lhe um computador. Último modelo, uma infinidade de acessórios, nada faltava. A princípio, Bruno sentia-se intimidado por todo aquele equipamento, receando estragá-lo se lhe mexesse muito. Mas rapidamente se familiarizou com todas aquelas teclas e comandos, demonstrando até uma capacidade de

aprendizagem excelente.

Depois veio a descoberta dos jogos. Começou primeiro por explorar os jogos incluídos já no sistema. Cedo deixaram de ter segredos, entediando-o ao fim de pouco tempo. Manuel, sempre atento aos mínimos desejos ou tendências do filho, depressa reparou, não sem desmesurada satisfação, que o filho dominava já os jogos mais simples. Decidiu que era altura de lhe alargar os horizontes no que se referia a jogos eletrônicos. Gastou uma pequena fortuna em material novo, independentemente do conteúdo ser ou não adequado à idade do filho. Passava depois horas a analisá-los e a selecioná-los cuidadosamente, dando a seu filho apenas aqueles que ele achava próprios para uma criança de sua idade. Este, dominando já na perfeição os inúmeros acessórios ligados ao seu computador, depressa vencida todas as dificuldades criadas ao longo dos jogos, ultrapassava com facilidade todos os níveis. Chegava rapidamente ao final como grande vencedor e perdia de imediato todo o interesse pelo que acabara de jogar, passando logo para outro.

Depressa se esgotaram os jogos mais adequados. Manuel foi-lhe dando os restantes, a princípio com algum critério, mas a partir de uma determinada altura não teve outro remédio senão colocá-los todos à disposição do seu voraz apetite por novidades.

Rapidamente se esgotaram os jogos. Começou então a explorar com mais atenção esse vasto mundo que é a Internet. A princípio, seu pai receou que o fato de poder ter acesso a todo tipo de informação sem qualquer controle ou restrição pudesse ser prejudicial para seu desenvolvimento.

Decidiu falar com a esposa sobre o assunto. Alice há muito que perdera a autoridade para decidir o que quer que fosse sobre o filho. Desde o dia em que regressou do hospital que ele ouvia as suas opiniões, muito atento, mas depois tomava sempre as decisões baseado no seu próprio raciocínio ou desejo. A princípio Alice sofria com esta imposição da vontade dele em tudo o que dizia respeito a um ser que ela havia dado ao mundo. Mas, cedo descobriu que não havia nada a fazer. No que respeitava ao filho, ele tinha sempre a última palavra. Tanto nas questões mais importantes, como a escolha da escola, um colégio caríssimo com o qual ela não concordava, como na escolha de um simples par de sapatos. Como amava o marido, achou preferível não protestar. Dava sempre sua opinião, que ele fazia



sempre questão de ouvir, mas sabia de saída que ela não seria seguida.

Nessa noite sentiu que ele estava muito preocupado. Contou-lhe que tinham que decidir se deveriam deixar o filho explorar livremente a Internet. E lá foi dizendo que os sete anos de Bruno eram já muito fortes em personalidade, que não se deixava influenciar facilmente, pelo que os riscos seriam mínimos. Mas nestas coisas uma pessoa nunca sabe e olhava inquiridor para a esposa, solicitando-lhe assim sua opinião. Ela, como sempre, fazia-lhe a vontade, esboçando sem grande convicção algo semelhante a um argumento. Olhando-o nos olhos, sabia que ele havia já tomado uma decisão, faltando apenas saber qual, mas tinha a certeza de que a sua opinião em nada o influenciaria.

- Então também concordas! - Ele disse. - Já tem idade suficiente para se lançar noutros vãos. Vou dar-lhe carta branca, mas temos que o observar. Ao mínimo sinal de desatenção nos estudos, ou alguma atitude diferente das que ele nos habituou, revemos nossa posição.

Alice não sabia já ao certo o que tinha dito. As palavras haviam saído sem grande convicção, de tal forma que nem as fixou. Poderia até parecer que estavam efetivamente de acordo, mas a frequência com que ele transformava sua própria decisão na dos dois era tal, que ela já nem se preocupava em tentar descobrir se alguma vez estavam de acordo.

Ficou então decidido deixarem o filho explorar livremente a Internet. Não demorou muito a que fosse o próprio pai a incentivá-lo a explorar novas páginas, novos jogos existentes na rede.

Durante algum tempo o pai manteve-se atento, procurando a mínima alteração no comportamento do filho. Mas depois, convencido de que a maturidade entretanto adquirida por Bruno, e os bons resultados apresentados na escola, eram prova suficiente de que não haveria conseqüências nefastas pelo fato de passar tanto tempo à frente do computador, deixou de se preocupar.

O pai, orgulhoso do prodígio que tinha em casa, não se cansava de elogiar os progressos do filho junto aos colegas e amigos que, ao fim de algum tempo já não o podiam ouvir falar do filho e das suas proezas. A princípio ainda caíam na tentação de fazerem apostas. Mas o pai, conhecedor das capacidades do

filho, acertava sempre por aproximação no tempo em que o filho levava para chegar ao último nível de um jogo completamente novo. Não fosse a leve irritação que todos começavam a sentir ao fim algum tempo em sua presença, provocada pelos constantes elogios ao filho, todos se sentiriam tentados a dar-lhe os parabéns pela capacidade de Bruno.

Mas uma vez que sabiam que falar nisso equivalia a serem bombardeados com a descrição pomenorizada dos sucessos de seu filho, todos se calavam, fazendo o possível para se retirar o mais rápido possível

O orgulho e a satisfação com que aquele pai olhava para os progressos do filho não o deixava ver claro. Havia já algum tempo que Alice vinha reparando no ar cansado do filho. Achava ela que tantas horas em volta do computador, só poderiam fazer-lhe mal. Além disso, havia que dar atenção aos estudos. Mas por mais incrível que parecesse, Bruno não descuidava um único trabalho, tendo até boas notas. Quando falava nas suas preocupações ao marido, este limitava-se a ouvi-la, assegurando-lhe que iria estar atento. Mas que permanecesse tranqüila, pois ele até ao momento não reparara em nada de anormal.

Mas a verdade é que Bruno apresentava de dia para dia um ar cada vez mais abatido. Alice tentava distraí-lo com outras coisas, tentando afastá-lo do computador, mas em vão. O vício era tal que mesmo quando não estava a jogar, estava a rever mentalmente as últimas jogadas ou as dificuldades com que se tinha deparado com um novo jogo.

Durante a noite era freqüente ter que se levantar para sossegar o filho. Acordava muitas vezes sobressaltado, sem conseguir explicar o sonho que lhe interrompia o descanso. Lembrava-se muito vagamente de ter sonhado com ovelhas, mas nada mais. Sentindo-se mais calmo pela presença da mãe, voltava a adormecer, acordando apenas de manhã.

Alice alertava o marido para estes sinais de cansaço demonstrados por Bruno. Mas cedo desistiu, sentindo-se angustiada pelo aspecto cada vez mais esgotado do seu filho, ainda uma criança. Como seus ténues protestos esbarravam sempre na autoridade do marido, resignou-se. Fazia o possível para mantê-lo bem alimentado e proporcionar-lhe um total silêncio sempre que ele tinha necessidade de dormir. Sentia-se amargurada, mas nada podia fazer. Limitava-se a rezar para que nada de mal acontecesse ao filho.

Bruno lá continuou a passar cada vez mais tempo agarrado ao computador. Deixou de sair para brincar com os amigos, pedindo inclusive para ficar em casa aos fins de semana, sempre que os pais inventavam uma saída para distraí-lo um pouco.

Para desespero de Alice, Manuel, orgulhoso com os progressos do filho, achava que era natural ele querer passar seu tempo ao computador. Além disso, a informática era a indústria do futuro e isso só lhe poderia trazer vantagens.

Uma noite, ao ligar o computador, Bruno notou que havia algo de estranho. Assim que mexeu no mouse, deu logo pela diferença. Um pequeno ícone que lhe era completamente desconhecido começou a movimentar-se ao longo de todo o monitor, ao mesmo tempo que aumentava de tamanho. Era um simpático cordeirinho que o convidava a segui-lo. O pai, que entretanto entrara no quarto, incentivou-o a entrar naquela página. Deu-lhe boa noite, recomendando-lhe, como sempre, que não se mantivesse acordado até tarde. Respondeu ao pai que em breve se iria deitar, como de costume. Só que muitas das vezes já o sol ameaçava romper quando ele, rendido pelo cansaço, se dispunha a dormir uma ou duas horas até ter que se levantar para a escola.

Voltou a sua atenção para aquele simpático boneco. Decidiu entrar na página. Para tal, tinha que posicionar o cursor sobre a figura e clicar duas vezes seguidas no botão esquerdo do mouse. Assim fez. De imediato o monitor ficou negro, surgindo a um canto uma luz vermelha escura, que se ia alastrando. Estranhou o efeito, que lhe fazia lembrar sangue. Mas a curiosidade era maior do que o efeito provocado por qualquer pomenor mais assustador. Foi seguindo as instruções que iam aparecendo à medida que ia avançando na página. Era um jogo. O objetivo era chegar ao cume de uma montanha, tendo que ultrapassar vários obstáculos. Quase desistiu, pois conhecia bem este género de jogos, sem qualquer motivo de interesse ou novidade para ele. Mas, parecendo adivinhar suas intenções, sempre que ele estava à beira de abandonar a página, lá aparecia o cordeirinho, incentivando-o a continuar. Foi avançando, ultrapassando os níveis que lhe pareciam fáceis demais, atingindo o cume rapidamente. Verificou que o ambiente do jogo havia sofrido ligeiras alterações. A princípio muito ténues, mas depois tão visíveis que não pode deixar de reparar nelas.



Subitamente sentiu um arrepio de frio. Olhou para cima da cama, onde a mãe deixara um casaco. Mas curioso demais para ver até onde o levava aquele jogo, não se levantou, tentando esquecer o desconforto.

A página adquirira um aspecto mais sombrio. As cores até então claras, escureceram, como se subitamente tivesse caído a noite naquela paisagem estranhíssima. Pela primeira vez, Bruno experimentava uma sensação estranha, que nem mesmo jogos mais complexos e pesados em termos de conteúdo lhe tinham provocado. Sentia cada vez mais frio. Assustado pelo realismo das sensações que o dominavam, tentou abandonar o jogo. Mas os comandos não atuavam. Nada obedecia ao seu comando.

Já se dispunha a pressionar a tecla para desligar o computador quando aconteceu algo que lhe chamou a atenção. Naquilo que antes lhe parecera uma rocha maciça abriu-se uma passagem. Dela apareceu uma figura envolta num manto negro com um aspecto muito sinistro. Subitamente, deixou cair a capa, deixando a descoberto uma figura demoníaca. A surpresa foi tal que Bruno ficou incapaz de reagir. Sentiu uma força a atrai-lo para o monitor. Era de tal forma forte que deu por si a aproximar seu rosto cada vez mais, até ficar colado ao vidro. Parecia que algo ou alguém queria puxá-lo para dentro do computador. Em pânico por não entender o que se passava, tentou desesperadamente afastar-se, sem conseguir. Quis gritar, mas nem uma palavra saiu de sua boca. Sentiu uma dor lancinante na cabeça. Ainda se debateu durante alguns instantes mas não resistiu por muito tempo. Antes de perder os sentidos, ainda ouviu uma horrível gargalhada. Depois, o vazio, o escuro.

Na manhã seguinte, quando a mãe se levantou para o acordar, não se admirou de o ver debruçado sobre a secretária. Adormecera mais uma vez ao computador. "O que iria ser deste filho!", ela se lamentava, resignada. Chamou-o, pegando na roupa que ele iria vestir nesse dia, como habitualmente. Estranhou não ter resposta. "Isto não pode continuar assim! Qualquer dia dá-lhe alguma coisa!". Dirigiu-se para ele, pensando para consigo mesma que ele deveria estar tão exausto que não acordava com sua voz como era habitual. Chegava mesmo a dar um salto na cadeira, ao acordar sobressaltado, ao mínimo ruído que a mãe fazia quando entrava no quarto.

Ao tocar no ombro teve logo a certeza de que

havia algo de terrivelmente errado. A princípio sacudiu-o com cuidado, depois abanou-o quase com violência, receando o pior. Gritou pelo marido, que veio a correr, assustado. Manuel ficou petrificado à entrada do quarto. Abraçada ao corpo inerte de Bruno, Alice chorava, desesperada, gritando pelo nome do filho. Subitamente acordou do torpor, dirigindo-se ao telefone para chamar uma ambulância.

Quando chegaram minutos depois, nada puderam fazer pela criança. Estava já morta há algumas horas. Mesmo assim, face às súplicas da mãe, quase louca de dor, tentaram ainda reanimá-lo, sem êxito. Foi o pai que os mandou parar e levarem o filho para o hospital. Alice protestou violentamente, tendo que ser agarrada pelo marido. Este tentava a custo sossegá-la, tentando esquivar-se dos murros que ela desferia sem nexo. Gritou-lhe, tentado pôr fim ao ataque da mulher. Ela, tomada pela surpresa daquele grito, parou de se contorcer. Mas o olhar que ela lhe lançou gelou-o. Era frio, destituído de emoção. Nesse momento viu no rosto da mulher a censura recalçada durante tanto tempo transformar-se em ódio. Ela acusava-o da morte do filho e nunca iria perdôá-lo. Alice deixou-se conduzir para a sala, onde ficou imóvel, vendo os bombeiros levarem seu filho, ainda de rosto destapado. Nem mais um som, a mínima manifestação de dor saiu de seu corpo. Limitou-se a deixar-se ficar sentada, fixando o vazio.

O marido seguiu na ambulância, deixando a mulher entregue a uma vizinha que acorrera à casa, alertada pelos gritos de Alice. No hospital confirmaram-lhe o que já lhe haviam dito em casa. Não havia nada a fazer. Teriam que proceder à autópsia, pois não eram visíveis as causas da morte. Precisava da autorização de um dos pais. Ele acenou afirmativamente, pedindo o papel com a autorização para assinar. Queria voltar para casa o mais rápido possível, pois estava preocupado com a mulher.

Parecia estar vivendo um pesadelo. Chegou mesmo a pensar que em breve acordaria e iria encontrar o filho sentado ao computador. Chegando em casa, correu para o quarto do filho, sem se deter na sala, onde a vizinha oferecia uma bebida quente à esposa. Abriu a porta quase sem fôlego. Ao verificar que o quarto estava vazio, sentou-se na cadeira em frente ao computador e desatou num pranto desesperado. Chorou até não ter mais forças. Quando ao fim de algum tempo se calou, pareceu-lhe ouvir a voz do seu filho. Muito distante, como se

estivesse dentro de um túnel. Ergueu-se, procurando o rosto do seu filho por todo o quarto.

Nada.

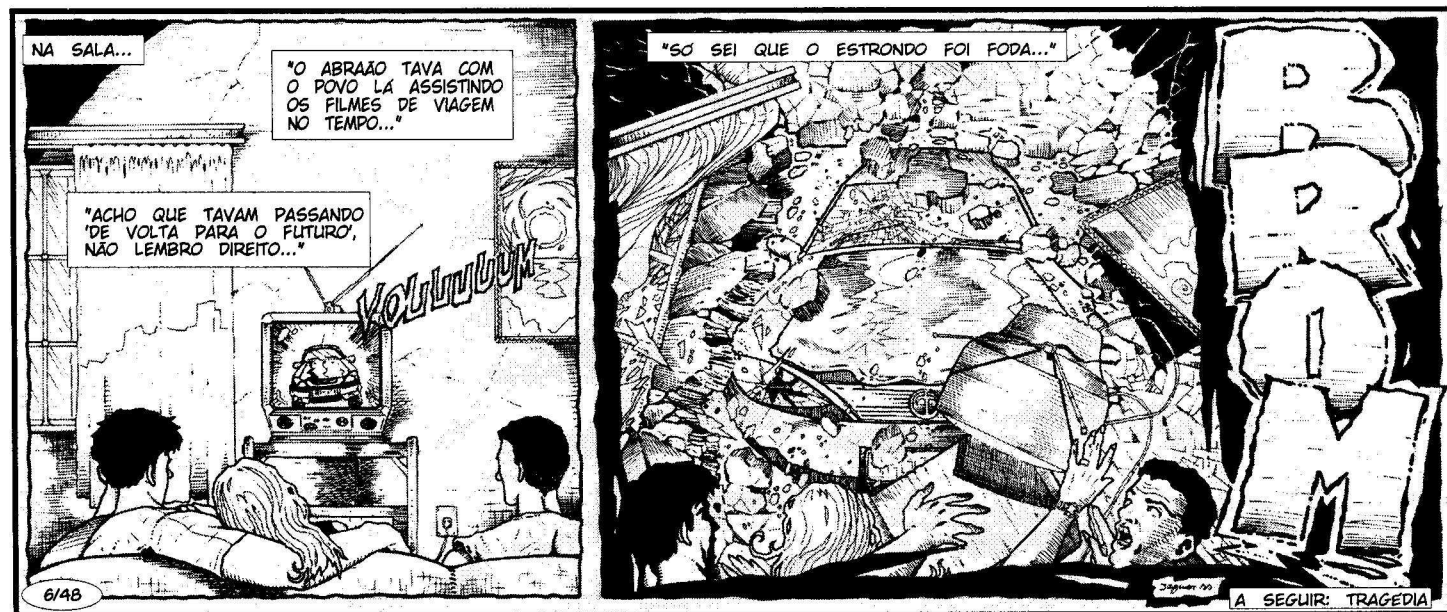
Subitamente olhou para o computador que continuava ligado. Levantou-se para o desligar. Mas a imagem que estava no monitor prendeu-lhe a atenção. Um lindo cordeirinho passeava por uma poça de um líquido vermelho escuro, ficando com o seu pelo cada vez mais sujo. Por uns instantes pareceu-lhe ver Bruno no lugar anteriormente ocupado pelo cordeiro. Sentiu o sangue gelar-lhe nas veias ao parecer-lhe ouvir a voz de seu filho gritar pelo seu nome. Mas foi tudo tão rápido que, passado o susto, chegou a duvidar do que vira e ouvira.

Desesperado e cego pelo desgosto, pegou no monitor e lançou-o ao chão. Fez o mesmo com todo o equipamento. Só parou quando não restava nenhuma peça inteira. Exausto e vencido pelo desgosto, deixou-se cair na cama do filho, onde ficou prostrado pela dor.

Passaram-se muitos anos. Alice separou-se do marido logo a seguir ao funeral. A autópsia fora inconclusiva. Uma vez que não conseguiram apurar a verdadeira razão, ficou registrado morte por causas desconhecidas. Mas ela sabia o que o tinha levado à morte e personalizou no marido essa causa, tornando-se impossível continuar a viver com ele. No entanto, nunca proferiu uma palavra de recriminação. Resignou-se simplesmente com sua perda.

Ele voltou a casar mas não quis ter mais filhos. Leva hoje em dia uma vida normal, ou melhor quase normal, pois não consegue abandonar as consultas ao psicólogo. Acometido periodicamente por violentos pesadelos que o alteram fortemente, só à custa de forte medicação é que consegue voltar ao normal. Mas, felizmente, estas crises não são muito frequentes, apenas surgindo uma vez por ano. Precisamente na noite em que faz anos que o seu filho morreu.

O pesadelo é sempre o mesmo. Sonha com cordeiros que se banham numa poça de sangue. E ao longe ouve a voz de seu filho. A princípio parece estar muito distante e não consegue entender uma única palavra. Mas mesmo antes de acordar, a voz torna-se nítida e consegue entender claramente o que ele diz. E isso é que o leva quase à loucura. Num grito desesperado, ouve Bruno suplicar-lhe: "Não desligue o computador, pai!".



Nosso Destino

Hidemberg Alves da Frota

I

Suportar o clima árido equatorial. Os ventos fortes, a poeira incessante, a areia fofa em que afundavam meus pés. Vestir o biotraje apertado e estivo. Usar um capacete de astronauta em plena superfície da Terra. Era o preço que eu pagava por ouvir o compadre Zep.

Prefiro não me identificar. Não tenho coragem de assumir minha culpa publicamente. Prefiro usar o nome fictício Hélio Flores, o nome fictício de um homem livre numa terra de ninguém, como bem queriam meus companheiros-de-armas, a serviço da Meggido Mars, transformar a Amazônia.

Como fui ingênuo! Talvez ingênuo não seja a palavra certa. Talvez dissimulado, sonso, seja mais adequado. Eu podia não saber que estava sendo cúmplice de um plano de transformar a Amazônia no Planeta Vermelho como a humanidade o encontrou antes de terraformá-lo: um imenso deserto, inóspito e desalentador. Mas não tem desculpa: eu sabia que estava me envolvendo com gente da pior espécie.

II

Está certo que de tanto brincar com o fogo, um dia nós acabaríamos nos queimando, mas eu não esperava que aquilo fosse acontecer.

Como as demais mortes da família Kennedy, foi inesperada a morte de John-John. Não só inesperada quanto inapropriada. Em John-John o povo norte-americano havia projetado a esperança de um dia vencer a crise econômica, de esquecer aquela época negra da história da América do Norte.

É, até que não seria tão ruim assim, não tivesse o Bragança morrido junto com o JFK Jr. e a

conjuntura política da Amazônia, recém-emancipada da tutela das Nações Unidas, ficado mais em polvorosa do que já era. Maldito acidente de aerocarro!

A tolerância da sociedade amazônica para com a Resistência Baré virara pó.

O que antes era um respeito discreto pela luta terrorista empreendida pela Resistência naqueles últimos 30 anos, se tornara um ódio incontido. Na falta de bodes expiatórios mais convincentes, acusaram a Resistência de levar a cabo os assassinatos do presidente da América do Norte e do governador da Amazônia.

Agora tudo era permitido pra vingar a morte de Bragança. Milícias paramilitares, com a ajuda informal do governador interino, tomaram conta das ruas de Manaus. E os que permaneceram fiéis à Resistência lutaram com unhas e dentes para defender seus ideais e a própria pele.

Sob o pretexto de conter o caos e a agitação política, a Polícia Metropolitana fechara a Universidade Central Livre da Amazônia.

Eu estava no último ano do curso de Jornalismo. Não podia ficar de mãos abanando. Também não dava pra ficar em casa trocando figurinhas com meus velhos. Então, por que não entrar em campo? Como free-lancer, é óbvio!

Eu morava no Aleixo. Todo dia, no raiar do sol, abria a janela e esbarrava com um elefante branco transformado em sede do governo territorial chamado Palácio Cilíndrico.

Era pra lá que eu tinha de ir! Entrar como ser-vente, sei lá, mas eu tinha de descolar alguma coisa. A idéia era boa. O negócio era saber como driblar a segurança, que não daria sopa num momento tenso como aquele.

Tinha um amigo. Era médico, mas nunca exerceu a profissão desde que se meteu a ser ve-reador. Naquela época ele trabalhava no gabinete do secretário de Saúde. Cargo de confiança: subsecretário para Assuntos Farmacêuticos.

Mandei-lhe um page. Mino, rapaz, como tu tá? Está braba a situação, heim? Sabe quem está em Manaus? A Marília. Voltou de Nikity City. Ela perguntou por ti. Mas eu não quero dizer mais nada. Sabe como é. Comunicação hoje em dia está tão insegura. Pô, por que a gente não toma um chope junto?

E não é que o abestado do Mino mordeu a isca? Tive que enrolar um pouco. A Marília tinha voltado recentemente, é verdade, mas não queria nada com ele. A mulher voltou de Niterói acompanhada da esposa. Uma halterofilista.

Chope vai, chope vem. Conversa vai, conversa vem. Começamos a falar de política, segurança, terrorismo. Atirei à queima roupa:

— Preciso de um favor teu, cara. Preciso passar uns tempos no Palácio Cilíndrico, cavoucando alguma matéria quente. Tá difícil arrumar grana. Tô mesmo necessitado desse favor.

Mino, como era de se esperar, quis tirar o time de campo. Ah, mas eu insisti. Tinha um trunfo a meu favor:

— Mino, se lembra daquele holo? O da tua despedida de solteiro? Com o teu ménage à trois com aquelas duas putinhas de Parintins? Pois é. Tá guardadinho. Muito bem guardadinho. Nós somos amigos desde que eu me entendo por gente, mas se tu vier com essas frescuras, eu vou ter que deixar vazar. Não é difícil, não. Dá até pra conseguir uma graninha esperta.

Não sabia se a amizade sobreviveria, mas saí dali com a certeza de que havia conseguido uma estadia grátis no Palácio Cilíndrico.

* * *

Fui trabalhar como office boy. Um dos duvidosos privilégios de morar no Hemisfério Sul. Eu queria ver se na Europa ou América do Norte ainda havia alguém fazendo esse tipo de trabalho braçal. Coisa que qualquer robzinho made in Paraguaçu fazia.

Um míssil Sakharov atingira o 64º andar. Era



minha segunda semana de trabalho. Do 42º andar em diante, gente da raia miúda como eu não podia entrar. Mas naquela confusão, ninguém perceberia. Aproveitei e subi com uns eletricitas que iam ver se retornavam com a energia elétrica, cortada a partir do 59º.

Trouxera uma nanocâmera comigo, disfarçada de caneta Bic. O buraco era obscuro. Parecia que um foguete espacial tinha varado o Palácio Cilíndrico ao meio. Já estava tendo vertigens de tanto olhar para aquela cratera vertical. Olhei para o lado. Vi uma plaquinha colada na porta. Estava escrito: Lia B. Franken — Secretária de Comunicação. Tinha aquela faixa amarela e preta que a Polícia usa em locais interditados, onde houve algum crime, para impedir xeretadas como eu de meter o bedelho onde não são chamados.

Perai, essa não era uma das assessoras do Bragança?, pensei. Lógico que era! Foi por causa dessa Franken que o Bragança ganhara fama de anti-semita. Ela, apesar de brasileira de Gramado, era alemã em espírito e fora na juventude militante de carteirinha da Aliança Ariana New Age. Pelo menos era o que eu pensava.

O que uma mulher desse tipo faria no coração da Amazônia, cercada de índios e cabocos por tudo que é lado? Ela tinha de ter um objetivo maior que fizesse valer a pena o sacrifício. Essa era a teoria da minha professora de História Contemporânea, baiana que carregava na bolsa o broche com o slogan 100% Negra e, desnecessário dizer, tinha bons motivos pra falar mal de uma supremacista ariana. Ela ia mais longe: Franken trabalhava para o governo marciano.

Todos sabiam que Bragança e Franken haviam se conhecido em Marte, quando ela estagiava no Ministério da Defesa de lá. Sim, como muitos sul-americanos, a família de Franken havia imigrado para Marte em busca da verdadeira ordem e progresso...

Mas, olha: qual é a primeira coisa que alguém faz quando se mete a fazer investigações por conta própria?

Usa luvas pra não deixar impressões digitais!

Era o que eu fazia. Colocava as luvas enquanto andava apressado, a caminho da mesa onde Franken despachava. Como meu avô dizia, a presa é inimiga da perfeição. Dito e feito. Escorreguei, bati a cabeça na parede. O baque não tinha sido muito forte, mas o suficiente pra eu finalmente perceber o que as antas da Polícia não perceberam: uma porta estava discretamente semi-aberta por trás da estante que fazia as vezes de microbiblioteca.

Eu me sentia entrando na própria Batcaverna. Desci uma escada de ferro em espiral. Sala apertada. Ainda preferia o esconderijo da dupla dinâmica. Cheirava à tinta. Ela devia ter sido construída ou reformada havia pouco tempo. Fazia sentido. Tinha no mínimo um mês que o Bragança havia transferido a sede do Executivo pro Aleixo.

Mal conseguia enxergar direito naquele cubículo até a energia elétrica ser restabelecida.

Na saleta havia um terminal de holo. Automaticamente, junto com a volta da luz elétrica, voltou ao ar o terminal holográfico. Havia uma mensagem sendo reproduzida em inglês. Pelos cabelos ruivos curtos percebi logo que se tratava de Franken.

— Depois que o Bragança morreu as coisas tão seguindo o rumo previsto. Posso assegurar que Manaus vai sumir do mapa, nem que demore um século... A guerra civil vai transformar a Amazônia em terra de ninguém. O Exército brasileiro vai estar aqui. O próprio Bragança um dia me disse que o Cordeiro ia tirar proveito de qualquer vacilo. Como os ianques tão com o moral baixo, uma ocupação brasileira bem-sucedida é bastante provável. Além do que, a reunificação conta com a simpatia de muita gente daqui. Sugiro colaborarmos. Armas, know-how, soldados. O que for preciso...

Pelo visto, pensei, aquela mensagem já havia sido (ou estava sendo) recebida pelos agentes do Serviço de Inteligência do Planeta Vermelho. Por algum problema, talvez por ter sido gravada e enviada minutos antes do bombardeio, o computador tenha reproduzido a mensagem. Isso aconteceu comigo uma vez quando eu mandei um page para uma amiga e um blecaute inesperado tirou o

sistema do ar e depois, quando a energia voltou, a mensagem em 3D que tinha sido composta foi reproduzida pelo meu terminal.

Estava imerso nessas elucubrações ao dar de cara com um filho da mãe me apontando uma arma.

Deve ser algum guarda, pensei. Não, os guardas usavam uniformes azuis. O cara, mais claro e alto que a média amazônica, estava todo de preto, o que me lembrou uma dupla famosa de um daqueles filmes hollywoodianos de ficção científica do final do século XX.

— Ei, rapaz! Vem comigo! — disse o homem, de preto.

* * *

Nem que a vaca tossisse eu acreditaria que iria ser enjaulado na Prisão dos Homens que Nunca Existiram. Alguém em sã consciência acreditaria ir pra esse xadrez e simplesmente parar de existir pro resto do mundo, só porque acharam que você mexeu no continuum espaço-temporal?

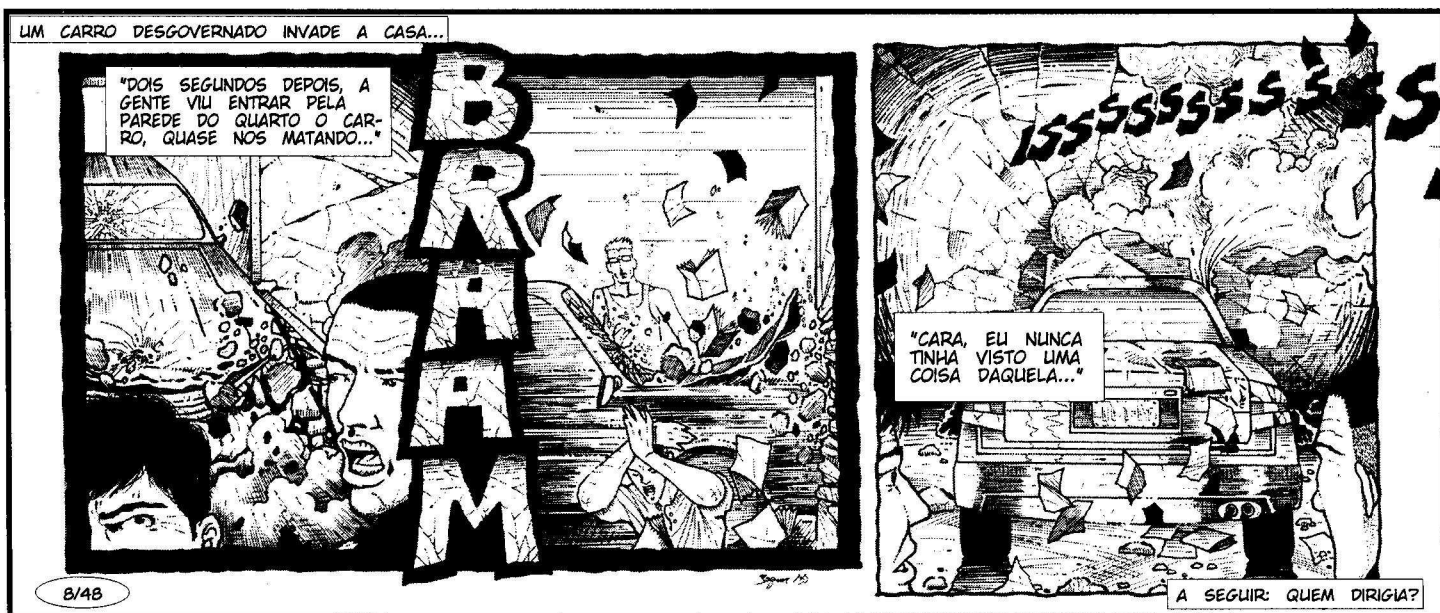
Mas realmente a Prisão existia. Ou melhor, estava existindo para mim. Fui levado ao Pavilhão Sarapatel com Buchada de Bode. Era onde alojavam a maioria dos brasileiros do Norte-Nordeste. No alto-falante era uma ladainha interminável de forró e carimbó que dava no saco!

Entre na minha cela. Meu colega de xilindró estava esparramado na cama de baixo lendo um livro de bolso. Tive uma sensação esquisita de déjà vu. Eu conhecia o velhinho de algum lugar. Ele me pareceu extremamente familiar.

— E aí, conterrâneo? Gostou das humildes instalações da Intempol@? — perguntou.

— É, dá pro gasto — respondi.

Ele pegou a bengala, se levantou e estendeu sua mão direita a mim.



— Sou também de Manaus. Meu nome é Zepelin Fleet. Prazer.

— Hum... com esse nome? Nem parece...

— Bom, é o meu nome de guerra, entendeu?

— Certo... Então quer dizer que eu vou ficar a minha vida inteira preso nesse calabouço?

— Ah, os nossos agentes já te introduziram ao Evangelho da Empresa? É, é por aí mesmo. Claro que tem uma saída, mas não sei se tu vai topa.

— Que saída?

— Dar o currículo pra supervisora Mariete.

— Dar o quê?

— O currículo!

— E quem é essa?

— Uma das manda-chuvas daqui.

— Mas se é tão simples assim, por que tu não faz o mesmo?

— Ué, quem disse que eu já não fiz isso na juventude? Pra te ser sincero, hoje em dia prefiro viver na Prisão, passar o resto da minha vida aqui mesmo. O mundo lá fora é muito estressante, cansativo. Aqui tem cama, comida, roupa lavada de graça. Eles trazem até umas garotas de outros pavilhões... Eu tenho tudo aqui. E uma paz de espírito danada. É incrível! Mas se tu quer mesmo se mandar, é melhor conquistar o coração da Mariete.

* * *

Não foi difícil ganhar a simpatia da supervisora de óculos gatinho. Mariete era bem pragmática. Gostava sempre de ter novas amizades. Percebi logo no dia em que me chamou para conversar um pouco sobre a problemática amazônica. Ela se autoproclamava uma filha adotiva da Amazônia. Preservacionista até a alma.

Havia outros amazônidas com quem ela poderia trocar idéias, só que o resto estava acima dos trinta. Não me restou melhor alternativa, mesmo se não quisesse me envolver com a supervisora. Digamos que fui ao se encontro por livre e espontânea pressão. Se eu não fosse a ela, ela viria a mim de qualquer jeito.

A primeira vez foi difícil. Enfrentar aquela missão sóbria? Nem pensar. Mas depois me acostumei. Nada que a rotina do dia-a-dia não desse jeito. Isto é, até certo ponto. Porque o tempo passou. Riscando pauzinhos na cela deram mais de seis meses. Eu não tomava coragem de pedir passe livre pra sair da Prisão, apesar dos protestos do compadre Zep, que não tolerava minha falta de iniciativa.

Eu não conseguia arrumar uma saída dali, mas assim mesmo tinha de continuar comparecendo religiosamente aos encontros com a supervisora Mariete. Já faltava fôlego. Se no início o tesão era pouco, naquela altura já não havia nenhum.

Desesperado, encostei Mariete na parede:

— Olha, eu não consigo mais viver na Prisão. O ambiente é asfixiante. São sempre os mesmos papos. As mesmas brigas, intrigas. As mesmas reclamações. Esses presos são... Eu sinto saudade da terrinha. Eu deixei Manaus no meio de uma guerra civil como nunca se viu por lá desde a Cabanagem, supervisora!

— Você quer matar a saudade da saudosa maloca? É isso, meu amor? Se é, eu aviso logo que não posso te ajudar via Intempol®. Vamos ter que correr por fora. Meggido Mars é a solução.

— O que é isso?

— Não dizem que a humanidade precisa da guerra pra continuar evoluindo? A Meggido Mars acredita nisso. Onde tem fumaça, tem fogo. Onde tem guerra, a Meggido Mars está lá, mexendo os seus pauzinhos.

— Quer dizer que a guerra civil na Amazônia tá sendo manipulada por essa tal de Meggido Mars?

— Eu diria que esse conflito faz parte, sim, da área de influência dela. Você pode conseguir voltar a Manaus via Meggido, só que...

— Só que vai ter um preço?

— Exato. Resta saber se você vai querer pagá-lo.

Não sabia eu que a Meggido Mars era uma das ramificações criminosas por trás da Polícia Internacional do Tempo, interessada em transformar as linhas temporais em mundos pós-apocalípticos sob seu domínio.

Entre pra Prisão dos Homens que Nunca Existiram por uma razão muito simples: havia descoberto que Franken colaborava com o governo marciano, o qual queria estender seus tentáculos na Terra, englobando a Amazônia e o que mais desse. Uma única informação que alteraria os rumos daquela linha temporal. Viraria aquela LT de cabeça pra baixo.

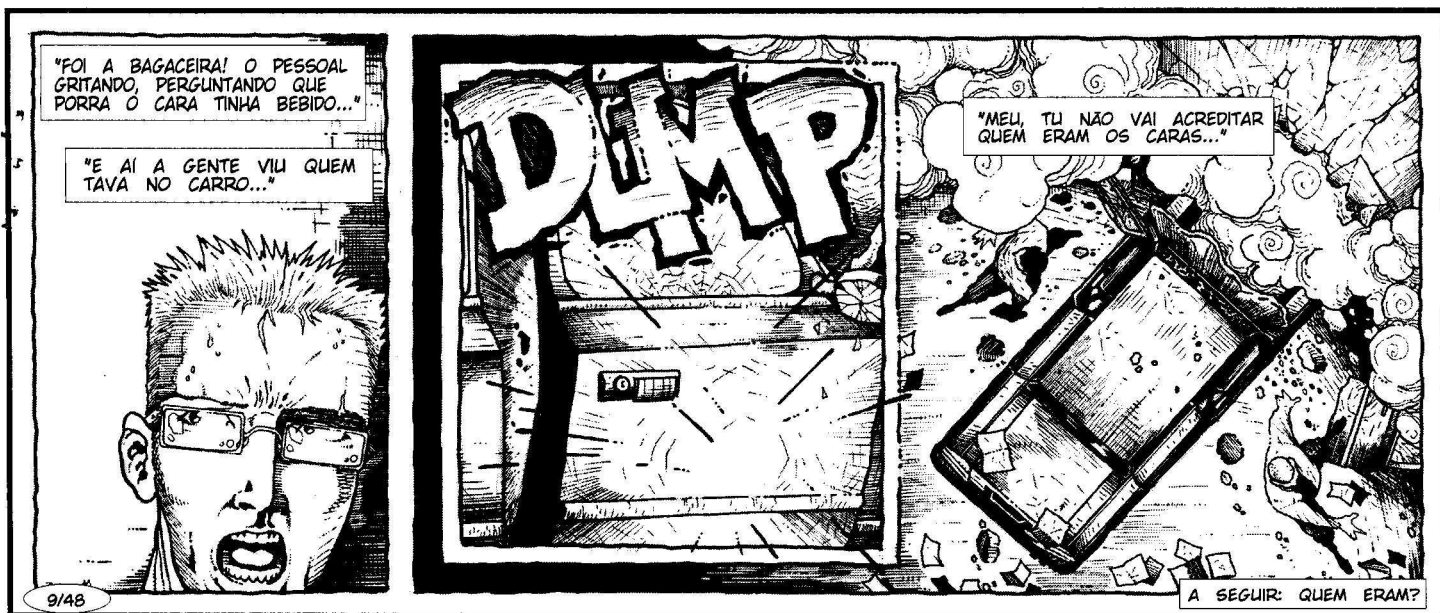
E por uma dessas ironias da vida, saí da Prisão dos Homens que Nunca Existiram pra trabalhar para a Meggido Mars, não por acaso a organização que estava incentivando o chanceler marciano a empreender sua própria forma de imperialismo...

III

Dentro do biotraje eu sentia um leve distanciamento da realidade ao meu redor. Era como se olhasse através de uma teleobjetiva. Buscasse luz na escuridão. Luz que se negava a aparecer.

Uma criança surgiu no horizonte. Aumentei o zoom. Não era uma criança que dá vontade da gente carregar no colo, um ser angelical, que reconforta a alma. Rosto engelhado, pele cheia de bolhas, careca precoce, pés e mãos desproporcionais. O moleque era um espécime da raça frihque perambulando por aí.

Preste atenção. Ele estava à procura de um mucura. O mucura se assustou. O bicho corria rápido. Mas o moleque acelerou como um



leopardo faminto, caiu de bruços na areia, segurou o mucura e arrancou sua cabeça igual a um humano arrancando as coxas de uma galinha assada.

O moleque me lembrou seus semelhantes, os prodígios da evolução: mutantes, bestas, aberrações. As verdadeiras baratas do holocausto nuclear, tão meticulosamente planejado pela Meggido. Animais amestrados por meus próprios colegas de trabalho.

O século XX fora considerado a Era dos Extremos. O século XXI virou a Era da Aniquilação. É o que acontece quando a Terra se encontra em sua pior depressão econômica, as duas maiores potências nucleares estão se fragmentando em Estados separatistas minúsculos e as potências nucleares periféricas, prontas pra exterminar uma à outra.

Naturalmente, a guerra atômica incentivada pelo governo fantoche do Planeta Vermelho, por influência da Meggido Maŕs, não afetou apenas aqueles diretamente envolvidos no conflito. Em menos de cem anos todos os ecossistemas da Terra ficaram irreconhecíveis. Basta dizer que a Amazônia virou um deserto.

Um deserto onde só havia uma esperança para os filhos do holocausto: serem escravos da Meggido Mars.

Eu estava velho, cansado. Aquele circo de horrores cotidiano não era mais pra mim. Honrara meus compromissos para com a Meggido. Provara o gosto da liberdade. Tivera meu envelhecimento retardado dois séculos e uma experiência para voyeur masoquista nenhum botar defeito.

Estava ficando frio. A noite se aproximava. Retornei ao acampamento. Tirei o capacete e o biotraje. Tomei um banho quente e fui me balançar na rede. Peguei um velho livro encontrado nas ruínas de Manaus: "O Fim do Terceiro Mundo".

Mas não pude folheá-lo. Eram quinze para as oito. Havia marcado um jantar com dona Lia às oito. Aprontei-me e fui ao refeitório, jantar com

minha outrora enérgica chefe, agora uma sombra do que fora, limitada à sua cadeira de rodas.

Dois velhos juntos só podem fazer uma coisa: recordar o passado. As conspirações, as estratégias, o que fizemos e não fizemos para contemplar os planos megalomaniacos da Meggido. Éramos velhos, mas ainda havia um futuro. Por menor que fosse, ainda havia uma vida a ser vivida e não apenas sobrevivida. Toquei no assunto:

— Dona Lia, a senhora vai passar a vida inteira presa neste mundo?

— Quer dizer, o que resta da minha vida, né?

— Eu quero dizer o seguinte: a gente tem que pensar no futuro que sobrou. Nós não vamos ficar mais novos. Se a gente não aproveitar os próximos anos... Vou me aposentar. Fiquei preso neste mundo boa parte da minha vida. Quero morrer num lugar calmo, tranqüilo, sem necessidade de se preocupar com nada. Vou voltar pra Prisão dos Homens que Nunca Existiram.

— Se eu fosse tu, provavelmente faria a mesma coisa. Mas fiquei acomodada. Cansei de mudanças. Vá, tu mereces. Seu tempo de serviço à Meggido te dá mesmo direito à aposentadoria...

— Mas a senhora também tem esse direito! Há mais tempo que eu...

— Sim, sim... Mas eu não vou mais me adaptar a morar em outro lugar. Eu me conheço. Quando a minha hora chegar, eu quero morrer aqui mesmo. Não te preocupa comigo. Te preocupa contigo, que é o melhor que tu fazes.

A conversa com dona Lia virou uma página da minha vida. Encerrou um ciclo de dedicação à Meggido Mars. Era hora de voltar.

IV

Estava deitado. Fazia apenas 48 horas que eu retornara à Prisão dos Homens que Nunca Existiram. Fui interrompido novamente. A leitura do romance do Márcio Souza ficaria pra outra oportunidade. Havia um compromisso a ser

honrado. A porta da cela se abriu. Era o preso que seria meu companheiro de xilindró. Um jovem mal-encarado.

— E aí, conterrâneo? Gostou das humildes instalações da Intempol©? — perguntei.

— É, dá pro gasto — respondeu o garoto.

Peguei minha bengala, me levantei e estendi minha mão direita a ele. Apresentei-me:

— Sou também de Manaus. Meu nome é Zepelin Fleet. Prazer.

— Hum... com esse nome? Nem parece... — desdenhou.

— Bom, é o meu nome de guerra, entendeu? — expliquei. — Garoto, tu não tem curiosidade de saber o meu nome verdadeiro?

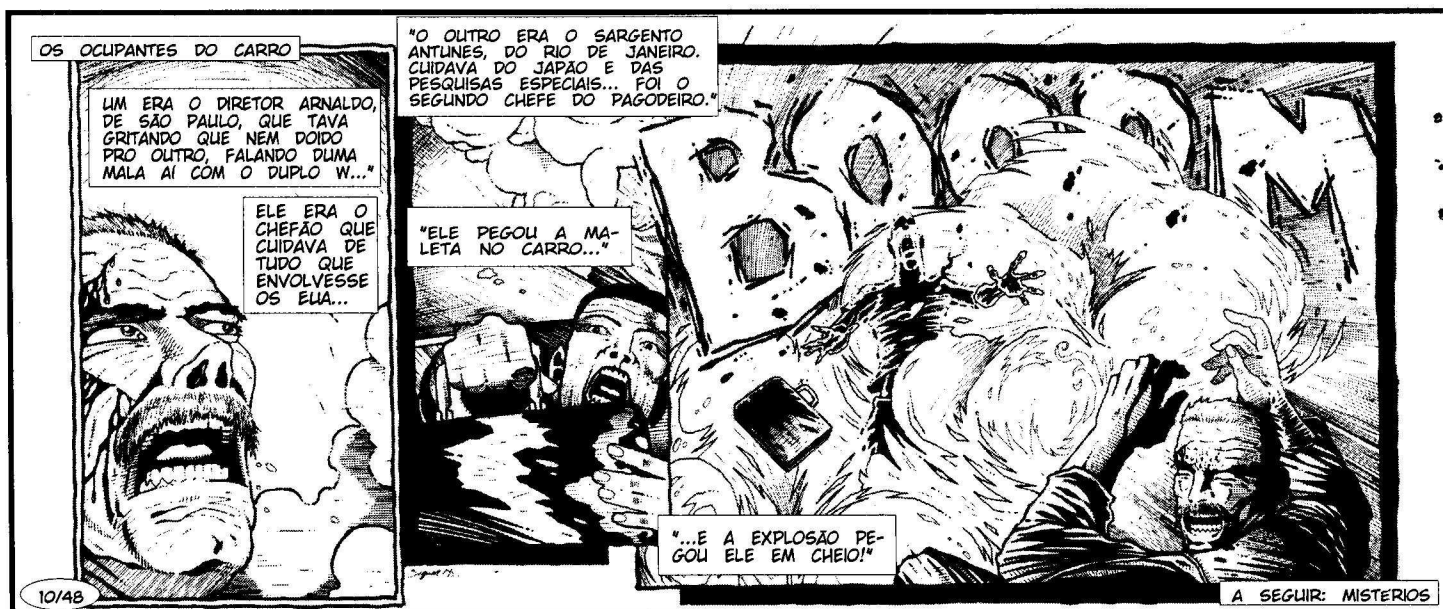
— Então, qual é o teu nome verdadeiro, velho? — perguntou.

— Hélio Flores — respondi.

O garoto ficou sem reação. Aproveitei para fazer um favor a mim e a ele. Afastei-me para ganhar espaço e lhe aponte a minha bengala, cujo disparo o matou imediatamente. Em breve morrerei também. Mas morrerei satisfeito pelo nosso destino. Poupei-o de trair seu próprio povo e aliviei minha consciência pesada.

A Edgar Allan Poe e Octavio Aragão.

Nota do Autor: O conto "Nosso Destino" situa-se no universo da Intempol©, criado pelo escritor e publicitário Octavio Aragão na noveleta "Eu Matei Paolo Rossi", da antologia *Outras Copas, Outros Mundos* (Editora Ano-Luz, 1998). A menção à Intempol© foi feita com a autorização de Aragão.



Tempos Difíceis

M. Emerson

"Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e executai-os na minha presença. E dito isso, prosseguiu Jesus subindo para Jerusalém."

Lucas 19:27-28

VISTA PANORÂMICA DE UMA CIDADE PÓS-APOCALÍPTICA. AO LONGE, RUÍNAS DE ALGUNS PREDIÇOS DO SÉCULO XX. LEMBREM-SE DE AKIRA, COMO A CIDADE FICOU DESTRUIDA DEPOIS DO SEU DESPERTAR, E TERÃO A CENA EXATA.

O ENQUADRAMENTO BAIXA, VAI PARA UMA RUELA MISERÁVEL, TÍPICA DAS HISTÓRIAS DO CONAN. A MÚSICA DE FUNDO É TRISTE E SOMBRIA, CANTADA POR MULHERES MAGRAS E AGONIZANTES, SEM CONTEÚDO INDICAR DE ONDE VEM...

ENQUADRAMENTO FECHA NUM DEDO INDICADOR DE UM HOMEM GORDO, NA TÍPICA POSE DE "TIO SAM QUER VOCE".

INICIA-SE O DIÁLOGO...

- Tu és Mago? - indagou um homem gordo, de voz apodrecida, que defecava numa velha latinha de Brahma.

Dirigiu a pergunta a uma figura bem destacada na imundície circundante: um senhor de muitos anos, ainda garboso, nutrido e sem nenhum odor de doenças. Parecia não conhecer a região. De fato, procurava na paisagem escura placas ou talvez outra indicação de lugar.

ENQUADRAMENTO SE DISTANCIA, MOSTRANDO UMA PANORÂMICA DO LUGAR. OS DOIS SÃO AS ÚNICAS PESSOAS NA RUA...

ZOOM ESTILO SAM RAIMI RETORNA PARA O ROSTO DO HOMEM GORDO...

DESCRIÇÃO DELE A SEGUIR...

O homem que fez a pergunta estava nu cintura abaixo. Acima, duas tiras de pano (que, num dia longínquo, foram uma camisa chamada Rock in Rio 2001) ocultavam um mamilo e parte do umbigo disforme. Enquanto levantava-se, saciado de suas necessidades, capturou a triste latinha-latrina e ficou a observá-la, rindo baixinho, como um demente:

olhos vidrados, nariz aberto, boca torta, língua exposta. Sorveu com expressão de pútrido prazer o cheiro que provinha da imunda lata (não muito diferente do seu próprio) e então começou a friccionar o órgão sexual, reduzido a um depósito constante de pus e sebo.

CENA PARA CHOCAR MENTES FRÁGEIS E PURITANAS: CLOSE NO MEMBRO DO GORDO, LACERADO, EM CARNE VIVA, ESPREMIADO COMO ROUPA SUJA. MÚSICA DE ROCK DEATH METAL AO FUNDO, DISTANTE, QUASE OCULTA PELA RESPIRAÇÃO PESADA DO HOMEM, ENGASGADA E GOSMENTA.

O CLOSE GIRA EM 180 GRÁUS, MOSTRANDO O PÊNIS DEFORMADO EM VÁRIOS ÂNGULOS. NENHUMA CENA É EXCITANTE (A NÃO SER PARA LEITORES DE GOSTO MUITO BIZARRO).

CORTE RÁPIDO. NOVO CLOSE NO ROSTO DO HOMEM, EM ÊXTASE.

CONTINUAÇÃO DA DESCRIÇÃO, AGORA COM UM TOM MAIS SUBJETIVO, DIGNO DE PASTOR EVANGÉLICO PROLIXO...

O gordo deplorável possuía o semblante das criaturas perdidas, visão do pecador em obra de Dante: sua pele parecia raiz de mandrágora jovem - cozinhada no sangue dos santos -, avermelhada e embrutecida; sua gordura era deturpada e maldita, bolas de óleo coagulado sob as carnes repugnantes, fétidas e lamuriantes; o cabelo amarelado era escasso e inexistente nos lados, insuficiente para esconder as tatuagens de uma era passada, onde a música do demônio era idolatrada pelos jovens. Certamente ele não vivera esse tempo - aparentava mais um nostálgico do que um produto dos Tempos Idos. Trazia no peito chagas em formas de vento, espirais de carne decomposta, moradia de vermes que devoravam com satisfação o tecido, enquanto abrigavam seus ovos na pasta amorfa que restava. Pouco menos repulsivas eram as escoriações vazias que comiam a parte esquerda do seu rosto. Doenças de dias piores, possivelmente. Sequelas deixadas por vírus e bactérias famintas (talvez variações do Ebola, da Variola ou Deus sabe Pai). Sofria da mente, era certo, ou jamais teria abordado tão injuriosamente um desconhecido que poderia ser membro da Igreja de Paulo, o Seguidor do Caminho.

FECHA EM PLANO AMERICANO NAS COSTAS DO GORDO. GIRO INESPERADO E ABRUPTO PARA A FRENTE DO HOMEM, QUE ESTÁ NOVAMENTE NA POSE TIO SAM...

REINÍCIO DO DIÁLOGO (MONÓLOGO, ATÉ AGORA)...

- Tu és Mago? - dirigiu novamente a pergunta ao estranho, que usava vestes brancas e muito limpas. Cabelo cortado, barba alinhada, olhar sem fermentos, rosto de poucas rugas - não era daquela região, com certeza. Atento observador dos céus (quem sabe procurando orientação das estrelas) não demonstrou sinais de que havia escutado a pergunta. Talvez a tenha ignorado de propósito, evitando dar trela ao deprimido indivíduo de voz peculiar.

NOVO CHOQUE PARA PURITANOS E DEMAIS PLATEIAS TAMBÉM. CLOSE NO QUE VAI SER DESCRITO A SEGUIR...

A MÚSICA DE FUNDO AGORA É UM HARDCORE MEDONHO, TIPO O CARA DO SEPULTURA SENDO ESQUARTEJADO...

Um fluido leitoso, quase róseo, escorreu entre os dedos encardidos do gordo hediondo. Viscoso e pegajoso, o fluido misturou-se à poeira da mão e foi engolido pela face quase animalesca do homem de boca torta. Sorriu, mas o sorriso de dentes rachados foi logo encoberto pela língua arroxeadada que procurava sorver o mais ínfimo vestígio do sêmen poluído. A orgia individual continuava: o pênis ainda resistia ereto e a imunda criatura agora segurava a lata de Brahma próxima ao nariz, percorrendo com a língua os lábios grotescos, lambendo um sem-número de pequenas cicatrizes - restos de piercings arrancados à força.

O OUVINTE JÁ INTUI O QUE IRA ACONTECER. SONS DE PANTANOS BORBULHANTES MISTURADOS COM MÚSICAS SERTANEJAS E PAGODE INICIAM O FUNDO DA PRÓXIMA CENA.

ELA É CONCLUÍDA COM UMA VERSÃO SUAVE DO TEMA DE PSICOSE (O ORIGINAL).

- Vida e morte, forasteiro! O ciclo se completou. O que gera a vida pela frente descarrega a morte por trás. Somos serpentes buscando nossa própria cauda - falou, e engoliu todo o conteúdo da lata: fezes endurecidas misturadas ao expurgo liquefeito de um diarreico. Arrotou de leve e, pouco depois, estava vomitando sobre o membro viril. Não interrompeu a masturbação doentia, parecendo encontrar-se em êxtase naquele inferno particular. O resultado final foi um jorro vermelho-branco que atingiu o braço nu do forasteiro, até aquele momento perdido em seus próprios pensamentos...



AQUI TEMOS UM PONTO DE VIRADA NA TRAMA. O MISTERIOSO HOMEM DE BRANCO, ATÉ AGORA PERSONAGEM PASSIVO, FOI ATINGIDO PELAS AÇÕES DO GORDO E A REAÇÃO DELE MUDARÁ O RIUMO DA HISTÓRIA, OBTIVAMENTE, MAS É NECESSÁRIO QUE OS TELESPECTADORES TOMEM CONHECIMENTO DE SUA HISTÓRIA PRIMEIRO. DE QUEBRA, SERÁ O PONTO ONDE INCLUIREMOS A ORIGEM DESSE NOVO MUNDO, PELAS LEMBRANÇAS DO PERSONAGEM...

TEREMOS ASSIM UM CLOSE DO JATO DE ESPERMA ATINGINDO O BRACO DO FORASTEIRO E A FUSÃO DA CENA COM OUTRA, ONDE UMA CRIANÇA JOGA AGUA NA VERSÃO INFANTIL DELE...

ASSISTAM A SEQUENCIA TODA, COM UM BLUES DE FUNDO...

O forasteiro repassava mentalmente o mapa do caminho (decorado sem problemas) mas não conseguia encontrar as referências do lugar onde, em breve, aconteceria a **Reunião**. Talvez a tristeza estivesse atrapalhando sua memória fotográfica: lembrava das imagens da cidade antes da submersão, do carinho que sentia pela sua tia Hilda, que morara ali muito tempo atrás... era um lugar que ele sempre gostou de visitar na infância, quando o mundo era simples e tranqüilo.

IMAGENS BUCÓLICAS DE PRAIAS TRANQUÍLAS E LIMPAS DOMINAM A CENA...TODAS AS ONDAS SÃO PACÍFICAS, O CEU É AZUL...MÚSICA CLÁSSICA SUAVE AO FUNDO...

MAS EIS QUE O CEU FICA ESCURO E UM CANTICO DE LAMENTAÇÕES E ROMARIA ASSUME O PRIMEIRO PLANO...

A CIDADE FICA SOMBRIA COMO A GOTHAM CITY DE TIM BURTON. NÃO SE VE ALMA ALGUMA NELA. QUANDO O VENTO PASSA, FOLHAS SECAS E ARBUSTOS DE CIDADES FANTASMAS DO VELHO OESTE VOMAM. E A AGUA COMEÇA A SUBIR.

O CANTICO DE LAMENTAÇÃO FICA MAIS GRAVE. QUASE UMA VERSÃO ROMEIRA DA CARMINA BURANA...

SOBREPOSIÇÃO LENTA DO CENÁRIO: VEMOS O NÍVEL DO MAR SUBINDO E SUBINDO, ATÉ TOMAR TODA A PARTE COSTEIRA DA CIDADE, MAS SEM DESTRUIÇÃO BRUSCA...

NESSA MESMA IMAGEM, VEMOS JANGADEIROS PASSEANDO ENTRE OS PREDIOS E UM MERCADO FLUTUANTE FUNCIONANDO NESSA NOVA VENEZA...

E A MÚSICA COMEÇA A FICAR MAIS DARK...

AS PESSOAS OLHAM O CEU E COMEÇAM A APONTAR PARA ALGO. ALGO MUITO GRANDE, QUE ESCURECE O DIA...

NUM CORTE BRUSCO, SOMENTE AGUA PASSA A EXISTIR...

A cidade de Maceió estava morta havia mais de três décadas. Já semi-submersa pelas águas, deixou de existir completamente quando o Tsunami que arrasou todas as cidades costeiras do mundo devorou o Paraíso das Águas.

No tempo em que o nível das águas começou a baixar, vieram se abrigar no litoral os fugitivos da Neo-inquisição. Levas de refugiados, vindos do interior de Alagoas, da Bahia, de Pernambuco e de Sergipe, cuidaram de preencher o vazio da existência urbana na outrora Maceió. Um arremedo de cidade renasceu. A nova Maceió, agora o Inferno das Águas ou **Terra Emersa do Norte**, era cenário sombrio e amaldiçoado, prometida de ser varrida do tecido da realidade assim que as revoltas em São Paulo e em Minas Gerais fossem controladas pelo Novo Vaticano.

Um mundo perigoso para as pessoas expressarem seus pensamentos e crenças abertamente...

CANTO GREGORIANO SUAVE, QUE VAI CRESCENDO ATÉ MESCLAR-SE COM OUTROS RITMOS MAIS PROFANOS, COMO TAMBORES RITUAIS E FLAUTISTAS NEW AGE...

Por segurança, ocultava todos os medalhões e símbolos da sua fé, mas não conseguiu deixar de ter um certo saudosismo pela cidade onde surgiu o primeiro templo de adoração ao Fundador, muito antes da Catástrofe. Hoje, a **Igreja de Paulo dos Magos dos Últimos Dias** não era bem-vista em muitos lugares, principalmente em **Brasília**, a **Cidade Santa** - antes templo de peregrinação dos **Seguidores dos Anjos** e dos **Celestinos Abençoados**, agora abrigo principal do Vaticano. Lá, a pena por ler o diário do Fundador em público é a morte. O mundo agradável daqueles tempos onde corria despreocupado, junto com os primeiros, pelas terras brancas e macias das praias de Jatiúca e Ponta Verde, deixou de existir para sempre.

A clonagem de Jesus Cristo mudara tudo...

PENSE NUM CANTO GREGORIANO HEAVY METAL. E O QUE VOCE ESTÁ ESCUTANDO AGORA, POIS AGORA A COISA VAI PESAR...

Ele era pouco mais que um adolescente quando começou o papado de **Cristo I**. Se acreditasse nas histórias dos Antigos, que falavam

sobre a entidade chamada Internet, ele teria muitas histórias para contar. Internet ainda existia nos dias de sua mocidade, mas, no arraial onde viveu até os vinte anos, nem eletricidade havia. Os Antigos falavam que um dia, Internet anunciou ao mundo a vinda do Cristo, nascido de Mãe Virgem e Pai Celestial, em laboratório argentino oculto do mundo, clonado de células encontradas no Santo Sudário e na Cruz Verdadeira - enterrada nos porões do Vaticano por Constantino. Internet dizia ser o cumprimento das Profecias do Apocalipse, a chegada da Nova Era que se anunciava plena. Mas Internet mentia muito, e poucos acreditaram na história, até que, passado uns trinta anos, Jesus Clonado apareceu no mundo e começou a pregar, reinvidicando para si o trono do Novo Vaticano.

Alguns dizem que Jesus apareceu em público vinte anos depois do Tsunami, disposto a salvar o que restava da humanidade. Existem várias discrepâncias quanto a isso, mas é a versão mais aceita. Como não existia mais Europa, cristãos fundamentalistas americanos fundaram um novo Vaticano na Filadélfia e o Cristo apareceu por lá, pregando e reunindo milhões de adeptos. A História é mal contada nessa parte, mas sabe-se que Jesus foi eleito Senhor e Salvador de Toda a Humanidade e tornou-se o Papa Soberano, Mestre de TODOS os homens, mesmo daqueles que não concordavam com ele ou dos seguidores de outras religiões.

A partir daí, surgiu a Neo-inquisição, corroborada pelo **Ato Inconstitucional Número Cinco**, que proibiu para toda a Humanidade o ateísmo e qualquer religião que não considerasse Jesus como seu legítimo Salvador, Filho Único do Deus Único. No Brasil, a marca Jesus Cristo™ foi monopolizada pelo Vaticano de Brasília (existem atualmente 450 Vaticanos espalhados pelo mundo, todos controlados por clones de Jesus, agora tão Onipresente quanto o Pai. Estes clones são apenas garotos, mas a palavra deles é lei, de mesmo valor que a do Primeiro Santo Clone).

SACAM AQUELE INICIO DE MAD MAX 2? ONDE CONTAM COMO O MUNDO FICOU DAQUELE JEITO? CÉS TÃO VENDENDO MAIS OU MENOS A MESMA COISA (SO QUE NUM CENÁRIO BRASILEIRO) E LINS CARAS SENDO QUEIMADOS VIVOS NUMS PNEUS, COM O POVO SEGURANDO CARTAZES DE HERETICO, ANTI-CRISTO E CRIMINOSO, APONTANDO PARA OS OUTROS QUE ESTAVAM AMARRADOS NUM CANTO, ESPERANDO A VEZ DE IREM PRO INFERNO...

COM UM ESFORCINHO, VOCES PODEM VER QUE TEM NOS CARAS SENDO QUEIMADOS UMA VERSÃO BEM VELHINHA DO PADRE MARCELO ROSSI...



APESAR DA IMAGENS A SEGUIR NÃO TEREM NADA A VER COM A REALIDADE DA CENA (JÁ QUE SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO FORASTEIRO), SÃO UM BOM PONTO DE OBSERVAÇÃO SOBRE O QUE ELE PENSA A RESPEITO DA IGREJA E DO QUE ACONTECEU NO PASSADO...

A TRILHA DE AGORA É UM DESCARADO AMALGAMA EPICO, PLAGIADO DE "A AMEAÇA FANTASMA", E DE "O SENHOR DOS ANEIS".

DESFILAM AGORA NA TELA CENAS CONGELADAS: FOTOS PANORÂMICAS COM ROTAÇÃO EM 360 GRAUS, GIRANDO CONSTANTEMENTE, MOSTRANDO BATALHAS AO ESTILO DE BRAVEHEART E DE STAR WARS - O ATAQUE DOS CLONES, MISTURADO COM O NOME DA ROSA. NESSAS IMAGENS TEMOS HORDAS DE PADRES SEGURANDO ESPADAS E DECAPITANDO FANBOYS DE STAR TREK E HARRY POTTER; FREIRAS ARMADAS COM BESTAS, FLECHANDO TESTEMUNHAS DE JEOVA COM OS LIVRETO PREGRADOS AO PEITO; UM EXERCITO DE CARDEAIS METRALHANDO UMA MULTIDÃO DE FIEIS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS; MONGES FRANCISCANOS, COM LANÇAS ENORMES, PERFURANDO HARE-KRISHNAS E MORMONS E ASSIM POR DIANTE, ATÉ A IMAGEM FINAL, ONDE CRISTO, PARECENDO O REI ARTHUR, FLUTUA SOBRE AS ÁGUAS, DESTRUINDO COM RAIOS TROVEJANTES AVIOES E NAVIOS AO REDOR...

Toda a concorrência foi eliminada: Satanistas, Wicca, Macumbeiros, Evangélicos, Judeus, Maçons, Muçulmanos, Rosa-cruzes, Orientalistas, Templários Novos, Cientistas Ateus e Agnósticos, Escritores de Ficção Científica, Autoajuda e Esoterismo, fãs de Harry Potter, Star Wars, Star Trek e qualquer coisa não-cristã e muitos, muitos outros, foram "reconvertidos" à Glória do Senhor, de "várias maneiras". O slogan "só Jesus salva" passou a significar exclusivamente "só a Igreja Católica salva".

Tornou-se crime pregar em nome de Deus qualquer um que não pertencesse ao **Catolicismo Apostólico Romano-Americano**: heresia sem perdão, punição capital! A idéia do Ato nº 5 fora obra do Clone de Brasília, um Jesus de sete anos, mas foi prontamente adotado para uso em todo o planeta pelo Clone Original, Papa Cristo I, Governante Absoluto do Mundo desde a **Santa Globalização das Américas**.

Não se sabe se o povo acredita realmente que ele é Jesus Cristo reenclonado, mas a popularidade dele é indiscutível, principalmente no Brasil, país que sempre fora eminentemente católico

e clonático (dizem que foi a televisão dos tempos antigos que causou isso. Mas um membro da Seita Aranha contou que isso já acontecia muito antes, pois um antigo evangelho de sua religião, "a Saga do Clone", considerado apócrifo pelos crentes da América, foi totalmente aceito pelos crentes brasileiros).

Jesus acabou com o crime, a corrupção, as drogas, a prostituição e todos os pecados da humanidade, simplesmente mandando pregar na cruz todos os políticos, criminosos, prostitutas e demais pecadores. É claro que isso só foi feito completamente em dois estados, até agora: Rio Grande do Sul e Brasília. Esses lugares estão completamente livres do mal e seus 134 habitantes podem agora desfrutar da imensa paz que Jesus ofereceu a eles.

Se o Oriente ainda estivesse no lugar - diziam os Antigos - teria acontecido a *Última das Guerras Santas*. Mas, no Novo Mundo, somente Cuba foi preocupação, logo dominada pelos **Exércitos de Cristo**. Os Antigos nunca se preocuparam em explicar direito o que causou o Tsunami e como ele destruiu o Oriente e o Velho Mundo. Parece que terroristas, querendo atingir os Estados Unidos, teriam destruído com mísseis nucleares três grandes ilhas desabitadas (e, portanto, não protegidas pelo "cordão de isolamento nuclear" americano, chamado Guerra nas Estrelas), cujos vulcões, parcialmente ativos, acordaram de vez e provocaram a Grande Onda. Ou foi a Índia e o Paquistão que começaram a Primeira Guerra Atômica. Ou ainda, um meteoro gigantesco que caiu no hemisfério norte. A história completa e verdadeira se perdeu quando as explosões solares apagaram todos os computadores do mundo e extinguiu a comunicação moderna. Nesses anos todos, apenas a televisão retornou, servindo fielmente a Igreja.

O viajante não conhecia muito da situação atual do globo - sabia pouco latim, o idioma padrão da Nova Televisão e de todos os Jornais Autorizados existentes. Um dos objetivos de sua presença nesse local detestável era descobrir um pouco mais do panorama da Nova Ordem Mundial, obtendo livros que ensinassem o latim (proibidos a não-membros da Igreja).

A reunião com representantes das seitas ilegais, ainda não exterminadas pelo Vaticano (por enquanto), tinha como objetivo principal organizar a

luta contra a Teocracia estabelecida. Ele fora designado para representar sua Igreja pelo próprio *Guia do Caminho*. Possivelmente o peregrino continuaria remexendo essas recordações por muito mais tempo, se não fosse o brusco interromper do desequilibrado cidadão.

E VOLTAMOS AO PONTO INICIAL, ONDE O JORRO DE ESPERMA ATINGE O BRAÇO DO FORASTEIRO E A NOSSA TRILHA AGORA É A DE VIDEOGAME EM FASE DECISIVA.

- Tu és um Mago? Responde-me! - berrava, agora. Suas mãos barrentas e pegajosas (plenas de esperma, suor, sangue, urina, vômito e fezes) seguravam os braços do espantado visitante. Este estava tão mergulhado em si mesmo que somente ao sentir o cheiro cadavérico do indivíduo à sua frente percebeu a real situação onde se encontrava. O toque imoral do gordo indignou os princípios de sua pessoa. Aos sujeitos e ocasiões inoportunos, tratava tudo como palha ao vento, fútil de atenção a não ser que lhe atingisse os olhos. E a degenerada cria de Deus que o estava tocando nesse momento era uma palha bem notável, por Deus! Desvencilhou-se rapidamente, vendo a gosma avermelhada no seu braço.

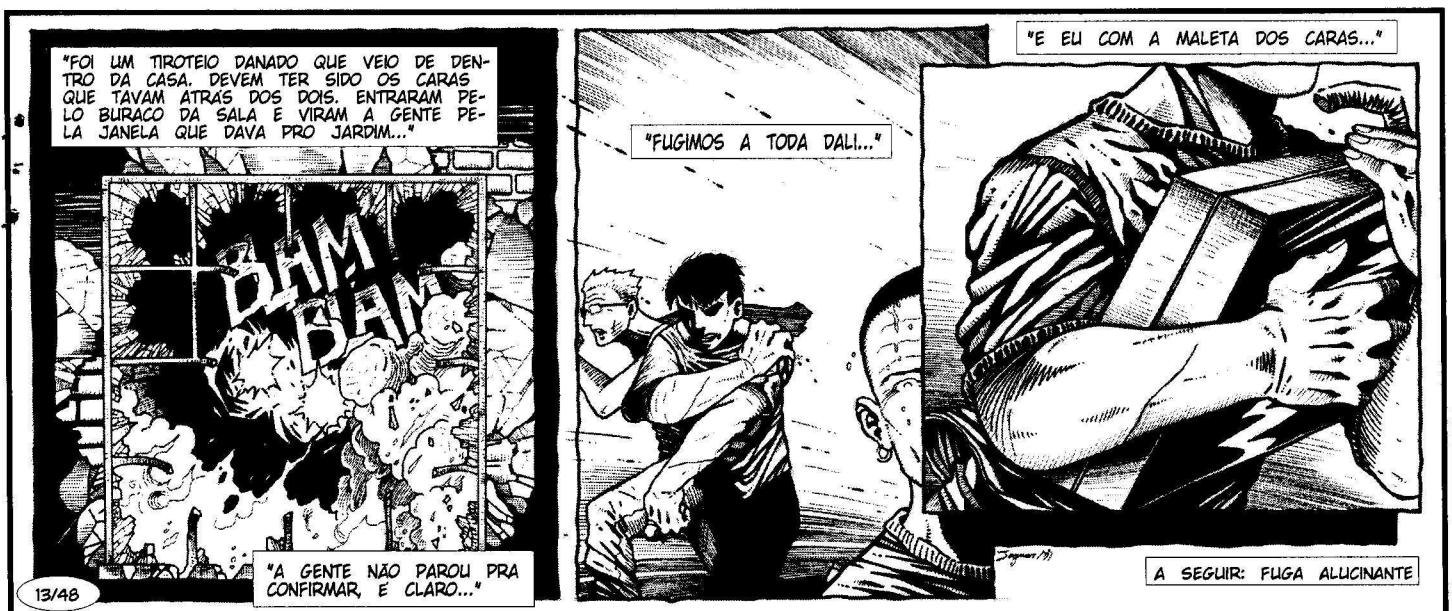
EEEE, AMIGOS DO ESPORTE!!! A COISA NÃO PARECE ESTÁ BOA PARA O VIAJANTE! O GORDO ESTÁ MUITO PLUTO E ESTÁ COM UM CACO DE VIDRO MUITO GRANDE NA MÃO, SENHORES ESPECTADORES!!!

VAI SER UMA PARTIDA EMOCIONANTE A PARTIR DE AGORA!

SANGUE VAI ROLAR, MEUS AMADOS OLIVINTES!!!

- Tu és Mago, filho da puta!? Responde-me!!! Ou cegar-te-ei sem clamor, vil pedestre! - as palavras ecoavam na escuridão lamacenta do lugar. O ser nojento fora um letrado, sem dúvida nenhuma. Talvez um erudito da religião ou estudioso do ocultismo. Mas agora apenas um incômodo ambulante se tornara. Gente perdida nas trevas, ignorada pela Grande Igreja, esperando apenas a morte súbita nesses dias selvagens.

- Fala, criatura diáfana! És vento que caminha na lama imortal, com o coração em chamas? Segredo de um mundo impuro, guardião da última palavra? - os gritos eram estridentes. O viajante mostrava sorriso tranqüilo, pois escondia sua natureza cruel com um manto de paciência.



louco, pois era descrente na sobrevivência da velha tecnologia do impossível e até mesmo da sua existência. Como podia acreditar que, no passado, as pessoas podiam segurar a luz com tamanha força que ela saíra reta e invisível, até chegar ao seu alvo?

Mas estava nesse momento vendo uma prova da existência da Tecnologia do Impossível: um ponto de luz vermelha mexendo-se na testa do homem gordo!

O sinal vermelho da morte, que os Antigos sempre falavam: **O Toque do Demônio da Morte!**

Antes que pudesse se desesperar mais com dúvidas filosóficas a respeito da existência ou não da antiga tecnologia, algo matou o silêncio e depressa cortou o ar, despedaçando a orelha esquerda do gordo.

ENQUANTO O GORDO CAI NO CHÃO GRITANDO, UMAS DOZE MIRAS LASER COMEÇAM A BANHAR O CORPO DO MAGO...
INÍCIO DA MÚSICA DE FUGA DESESPERADA..1

O Mago não quis ficar para saber o que aconteceria. Entre os gritos do homem, partiu em disparada para o bar, sem olhar para trás. Se viessem atrás dele, lá dentro poderia se defender melhor. Estava com sua faca ritual e conhecia a *grande arte*. E tinha uma pistola velha que recebera do *Mestre do Caminho*, junto com alguma munição.

Entrou no bar, procurou uma mesa limpa e, não encontrando, contentou-se com aquela que tinha menos vômito. Sentia-se numa taberna medieval, com prostitutas gordas e desdentadas praticando felação num velho sardento à sua frente e três velhas enrugadas de seus 28 anos numa orgia íntima no quarto sem portas próximo ao salão. Esperava não ter errado de endereço, principalmente depois de observar um grupo de prováveis amigos do alheio espreitando-o do outro lado do bar.

CLIMA DE FAROESTE ITALIANO, ONDE O PISTOLEIRO DESCONHECIDO FICA NUMA MESA DO CANTO, OLHANDO PARA A PORTA, E AQUELA MÚSICA TENSA PERMEIA A CENA, DANDO UNS CLOSÉS NOS OLHOS DO HOMEM E NA PORTA DO ESTABELECIMENTO...

TIC-TAC-TIC-TAC-TIC-TAC....

O relógio sem ponteiros do bar o irritava... Contava todos os tiques-taques, apreensivo... Dois minutos esperando o mensageiro. Ninguém além dele entrou. Três... Será que o gordo empacotou? Quatro...Estariam lá fora, propondo emboscada, os assassinos? Cinco minutos! Pensou em descarregar duas dúzias de chumbo na clientela e no proprietário do bar, mas a idéia logo se foi quando novos clientes chegaram, prostitutas de grandes tetas e feiúra maior ainda. Pensava agora em três dúzias. Não, melhor: quatro. Cinco! Talvez gastar toda a munição.

Conteve-se.

Poderia precisar de munição lá fora.

Uma das prostitutas peitudas sentou-se ao seu lado. Ele afastou-se para a outra cadeira quando ela colocou a mão cabeluda, com apenas três dedos, na sua perna. Todavia, homem sem preconceitos, manteve interessante conversa a respeito do ofício da mulher e suas especialidades. Soube que ela cobrava cinco asses por uma boa chupada e dois, por uma ruinzinha, sem direito a dedadas (não especificou se nela ou no cliente). O espanto do homem foi minimizado quando ela mostrou o seu material de trabalho tipo um - a língua gestual bastante excitante, se você apagasse todo o corpo e rosto da meretriz. Porém, quando ela sentou-se à mesa, virou-se de costas e mostrou os materiais de trabalho dois, três e quatro, o peregrino perdido resolveu levar sua bebida para o balcão e de lá esperar o mensageiro. Podia ouvir, enquanto mudava de lugar, a mulher afirmar impropérios sobre sua masculinidade duvidosa.

Pensamentos vingativos e violentos passeavam em sua mente no momento em que uma fria e bem-cuidada mão masculina tocou-lhe o ombro, firmemente. Era o mensageiro, intuíu. Ou um homossexual procurando companhia para as últimas horas da noite...

- E então, meu amigo, o que decides: os teus livros foram estúpidos ou seus leitores que eram? - perguntou o dono da mão, irreverente. Era um grandalhão calvo e de aspecto jovial. Usava um anel dourado, com estranhas inscrições, que o Mago logo reconheceu como o símbolo da Religião Tolkiana.

- Vai te fudê, grandão. Que porra de palavreado é essa?! Não sabe falar português não, ô

analfa de pai e mãe?

- Bem vindo irmão. Os outros o estão esperando.

- Bom saber. Mais um segundo nesse lugar e eu seria agora um Mago foragido por chacinar um bar inteiro...

- Não seria uma perda tão grande assim...

- É, né? Não é você que paga a munição... A propósito, quem foi o imbecil que bolou essa insultante senha? É uma ofensa moral contra minha religião...

- Acho que foi alguém da **Ordem Machadiana** ou das **Filhas de Mônica**...

- Que Mônica? A da *Seita Mauriciana*?...

- Não, a dos anjos...Aquele *Buonoratti* ou algo assim...

- Faz mais o estilo dos Machadianos... há décadas eles insultam o Fundador. Antes mesmo da Reconversão, quando ele ainda era vivo e participava do culto de imortais deles...

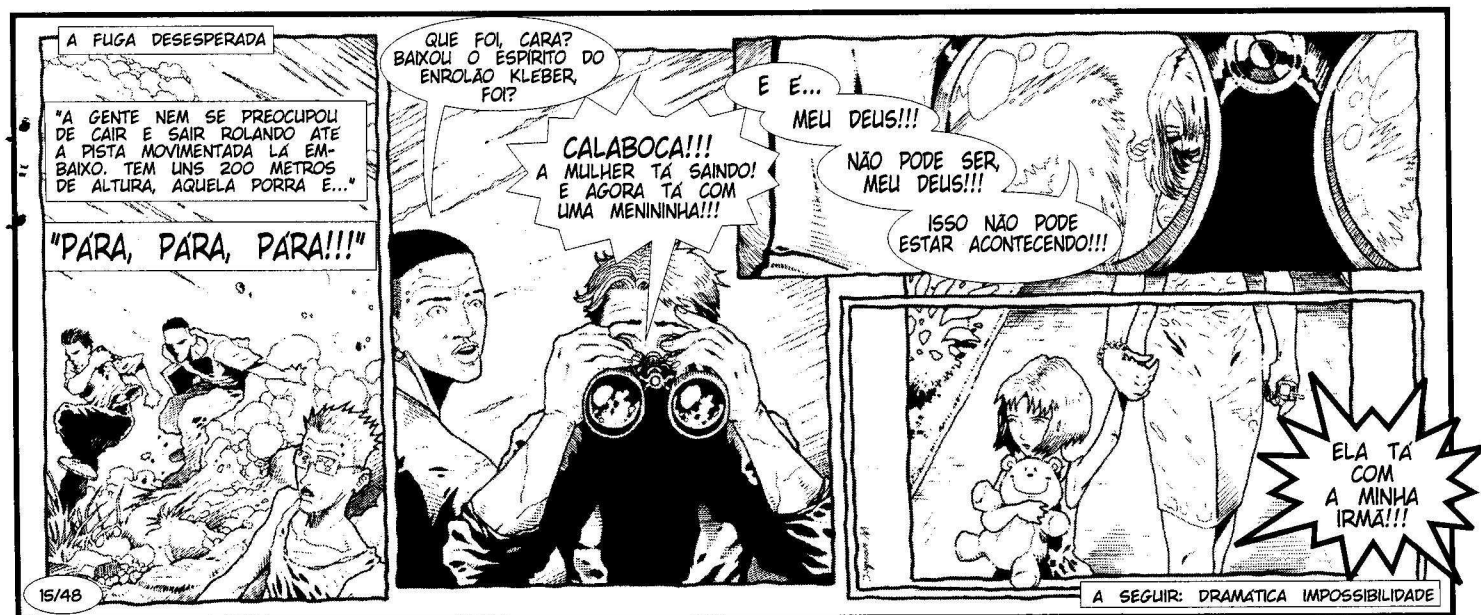
- Conversaremos melhor no local. Aqui não é bom fornecer palavras a ouvidos estranhos. Vamos...

Os dois homens saem do bar apressadamente, seguidos de olhares curiosos e palavras sussurradas. Duas mãos, pelo menos, eles viram alisar o cabo de armas. Um ou outro gesto apressado de levantar-se também foi percebido, enquanto saíam.

Um grito iniciou a perseguição:

- Ei, mermão! Cadê o dinheiro da caninha que tu tumô!!? - berrava o proprietário, na porta do estabelecimento, puxando uma enferrujada peixeira do avental...

- Corre que eu estou lisão! - disse o Mago para seu aturdido companheiro. Oferecer calote a dono de bar, nessa vizinhança, era solicitar brutal encerramento da vida, servindo de churrasquinho para gostos canibais. E quem estivesse com o malandro, acompanha-lo-ia no tratamento.



A TÍPICA CENA DE PERSEGUIÇÃO PASTELÃO, DOS ANTIGOS FILMES DOS TRAPALHOES...

ESTA SEQUENCIA ESTÁ UM TANTO MAIS BEM-HUMORADA PARA DESCONTRAIR OS ESPECTADORES PARA A PROXIMA PERSEGUIÇÃO, QUE NÃO VAI SER TÃO DIVERTIDA ASSIM, PRINCIPALMENTE PARA OS PERSONAGENS...

Fugindo como a vida no Saara, eles conseguem, meia hora depois, despistar seus cobradores. Descansando um pouco, eles mantêm diálogo sutil e inspirado:

- Que cheiro de cumalavado é esse? Andou pisando em bosta, foi? Ou tá cagado?

- Um indivíduo que encontrei no caminho... nojentto até a alma.

- Putaquepariu! Eu odeio esses curroxos que ficam nas estradas!

- Creio que agora ele não deve ser mais problema para ninguém...

Subitamente, o mensageiro se atira sobre o peregrino. Este cai justamente sobre umas carcaças podres de cachorros, restos de alguma refeição apressada. Antes que pudesse falar qualquer coisa, a parede acima de sua cabeça é esmigalhada por forças invisíveis e silenciosas. Antes da poeira assentar, o Mago consegue ver o emaranhado de luzes vermelhas e compactas se formando ao seu redor.

- A Tecnologia Impossível!

- Cuméquié? Corre e deixa o falatório pra depois!

PEGUEM O DVD E REVEJAM MATRIX, A CENA EM QUE ELAS INVADEM O PREDIO, MAQUINADOS AO MÁXIMO, REPARA NOS TIROS QUE ACABAM COM AS PAREDES. E ESSA A SITUAÇÃO EM QUE FICAM OS BECOS POR ONDE OS DOIS FOGEM, ATINGIDOS PELO IMENSO NÚMERO DE ARMAS DE FOGO. LINS VINTE MENDIGOS E BEBADOS QUE ESTAVAM NO CAMINHO VIRAM CARNE MOIDA.

DE VEZ EM QUANDO, UM DOS PERSEGUIDORES CAIA NUM DOS ESGOTOS IMPROVISADOS E SEUS COMPANHEIROS O METRALHAVAM, JOGANDO GRANADAS EM SEGUIDA.

- Entra aqui, entra aqui! - diz o mensageiro, levantando uma porta improvisada que protegeia uma velha construção subterrânea, ainda cheia de água estagnada.

Os dois mergulham na água podre e o mensageiro entra num cômodo mais profundo, sendo seguido de perto pelo mago. Eles saem no que parece ser uma estação de metrô inacabada, submergida parcialmente pela água salgada. A fraca luz do ambiente é proporcionada por grupos de esfarrapados que vivem nas plataformas mais altas...

- Parece que escapamos... mas vamos demorar pra cacê pra chegar na Reunião, por esse caminho... Acha que eram Neo-Inquisidores? - pergunta o mensageiro.

- Com a Tecnologia do Impossível? Nunca ouvi relato semelhante. E a roupa deles era diferente do Uniforme Padrão do Exército de Cristo. Além do mais, o Exército está muito ocupado em São Paulo e Belo Horizonte...

- Sei não... mas deixa pra lá. Na Reunião a gente procura maiores informações. Já deve estar quase começando. Vêm. O caminho dos Justos passa pela Boate da Perversão. Fica "bem pertinho" daqui...

Seis horas depois, eles chegam a tal boate. Dezenas de pessoas observavam a televisão. O mensageiro tentou se inteirar do caso e do porquê de ninguém estar na sala de reunião. Um homem de aparência culta e moderno vocabulário explicou o ocorrido:

- Oxe, véi... a reñião já acabou. O resultado fossubstitui Cristo I por um outro clone de Jesus, menos ensandecido, né. A gente já tinha começado a formá o grupo pá matá o Papa, quando teve esse negoço na TV. Óia só.

- Ei, bando de porra, silêncio aí! O viado de vermelho vai falar de novo! Quem sabe aí latim?

- Eu sei - disse um senhor de barbicha verde e cabelo azul.

- Traduz aí, pô.

- Peraí... deixa começar a explicar de novo... pronto. "Um grupo, denominado **Chorinho do**

Diabo, formado por músicos populares da Velha Era, tomou de assalto a TV Papat. O líder deles, chamado Lúcifer 35, dois dias antes, explodiu a cabeça do Papa Cristo I com armas de mira laser, quando este passeava em *missão de fé* por Curitiba. O caso estava sendo abafado até que eles invadiram a TV, anunciando a morte do Papa. Começou uma reação em cadeia. Todos os clones de Jesus estão nesse momento sendo executados, em todas as partes do mundo. Lúcifer 35 é o novo líder da Cristandade. E diz que, como primeiro ato de seu reinado, vai jogar uma bomba nuclear no lugar conhecido como Terra Emersa do Norte." Pronto é mais ou menos isso.

- Fudeu tudo.

- Vamo morrer, bichim.

- Barbaridade...e agora, tché? Que iremos fazer?...

- Calma que isso pode ser balela, porra! Bomba nuclear é Tecnologia do Impossível... Ninguém sabe como fazer ou usar, se é que uma coisa dessas já existiu mesmo...

- Nova Reunião urgente pessoal. Todo mundo pra sala. Tu fica aí. Se ele falar mais alguma coisa importante, vem correndo avisar. Fica fazendo companhia pra ele, vocês dois que chegaram por último e tão fedendo mais que o banheiro entupido dessa merda aqui...

- Mas, mas...

- Pronto. Vamos morrer e eles ainda com a burocracia...

- E agora, vamos ficar aqui esperando?

- Não tem mais nada o que fazer, companheiro. Não temos escapatória. Só esperar a morte...

- Só esperar...

CAMERA SE AFASTA, DISTANCIANDO-SE RAPIDAMENTE DA CIDADE. AO LONGE, UMA ESTRELA SURGE NO CÉU... DEPOIS OUTRA. E OUTRA... ELAS CAEM E AS TREVAS COMEÇAM A BRILHAR, COMO A LUZ DA MANHÃ...

Nota do autor: este conto foi construído com a tecnologia Multimídia da Mente, inspirado pelo texto do Gerson sobre o Projeto Voyager, na página 10.



Sobre a Somnium 84...

Parabenizo-o em nome dos editores do CLFC pelo número 84 do Somnium com nova apresentação, moldura nas diversas páginas, bons contos. Apenas ainda estão com problemas na nitidez das obras de arte e também lembro que o clube, o meu clube, foi fundado para "leitores de ficção científica". Acrescente-se fantástico, mas não "horror". Deixem o "horror" para outros fanzines de menor qualidade ou para o Zé do Caixão.

Ofereci ao Gerson Lodi-Ribeiro a disponibilidade de dezenas de desenhos artísticos de autores germânicos, mas não obtive resposta. Veja a nitidez do verso desta página, capa do último número do "Notícias...do Fim do Nada".

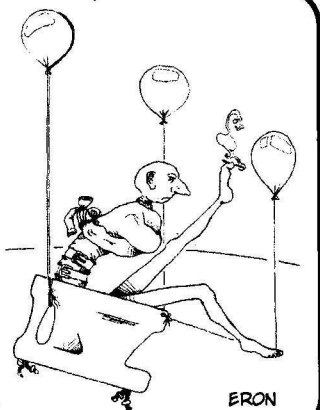
Apreciei as "resenhas" deste número: não parem. Também devem oferecer uma listagem de livros para venda ou troca, como antiguidades ou raridades. Fica a sugestão.

Ruby Felisbino Medeiros
Sócio nº 18 do CLFC

Editor: *Prezado Ruby, é sempre uma satisfação ouvir a opinião dos leitores do Somnium. É importante para nós sabermos onde estamos acertando e principalmente onde precisamos melhorar. Este foi um primeiro número, para um grupo de editores que na sua maioria esta começando agora. Parabéns pela capa do "Notícias...do Fim do Nada" que você enviou, além da ilustração ser de excelente qualidade ela ficou bem nítida. Já entrei em contato com o Gerson sobre as ilustrações de autores germânicos, em breve devemos estar entrando em contato. Quanto ao "horror", talvez o melhor termo para o material que podemos estar publicando no Somnium seja "Terror", afinal muitos sócios gostam de autores como H. P Lovecraft, Stephen King, entre outros. Nosso maior desafio é produzir um fanzine de qualidade espero que consigamos atingir o nível que nossos leitores esperam.*

Erramos

No Somnium 84 cometemos um erro: o conto **O Poeta** saiu creditado ao pseudônimo **Ruy Brado-Berro**, quando deveria ter saído com o nome do autor **Jorge Candeias**.



Saudações a todos!

Gostaria de dar a minha opinião sobre o SOMNIUM de Janeiro de 2002. O SOMNIUM é para mim o principal meio de informação e leitura de novidades de Ficção Científica apesar de ter me interessado pela Quark e SCI FI News. Recebo esse com prazer, com uma configuração renovada e interessante que me agradou muito positivamente. Li inteirinho este número.

Como sócio do CLFC desde o ano de 1990 sinto que é importante incentivar explicitamente o trabalho de vocês que se dedicam a publicação de textos e ilustrações brasileiros. Quero que saibam que considero esse um trabalho de grande valor. Quanto ao recente número ele está bom, como esteve habitualmente, mas um pouco melhor ou talvez com mais gente nova envolvida. Visualmente chamativo, com destaque aos desenhos caprichados e fantásticos, os caros ilustradores são muito criativos e desejo ao André, Jaguar e Emerson sucesso neste trabalho e parabéns ao editor de arte que teve o êxito de atrair pessoas talentosas para o SOMNIUM.

Gostaria de dizer que a lista da internet é informativa, sem dúvida, mas a maneira apropriada da juventude conhecer e tomar partido da FC é através do SOMNIUM.

Os editores pedem comentários sobre os contos. Achei legal a publicação de autores novos e que não foram publicados recentemente junto com um autor reconhecidamente experiente como é o Carlos Martinho. Essa iniciativa renova os temas (gostei como foram abordados) e cria um saudável ambiente de incentivo aos escritores, abrindo os espaços privilegiados sem prescindir da qualidade. Boa idéia colocar as ilustrações como "capas" de cada conto, mas faltou apresentar os escritores. É importante um breve comentário sobre o autor no final do texto. Como sugestão pode-se também indicar o endereço de e-mail de cada um para contatos.

O meu interesse aumentou ao ler que no próximo número haverá um seriado em quadrinhos(!) Vai ser muito enriquecedora a publicação de histórias seriadas. Elas criam uma expectativa com relação aos próximos números além de possibilitar a publicação de trabalhos mais longos.

Gostaria de me colocar a disposição, dentro de minhas possibilidades, para contribuir para o SOMNIUM sendo que enviarei dentro em breve material inédito para ser avaliado pelos editores.

Abraços!
Rudyard C. Leão

Editor: *Prezado Rudyard, nós estamos aguardando sua contribuição para o Somnium. Em nome dos editores agradeço aos elogios e fico feliz com que tenha gostado. Suas sugestões foram anotadas e aos poucos vamos estar melhorando o Somnium para atender aos seus leitores. Espero que continue gostando do fanzine que estamos fazendo.*

Próxima Edição **SOMNIUM**

Número 86 - Julho - Agosto - Setembro - 2002

TUDO SOBRE O

projeto plantárioum

RPGs • LIVROS • QUADRINHOS

